

Valdir Aguilera

O Velho

(Diálogos sobre espiritualismo e outros temas)

Fevereiro de 2018

Índice

Prólogo

1. Fazenda Cruzeiro do Sul
2. Obtendo informação
3. Primeiro encontro
4. Intuição e livre-arbítrio
5. Informação e conhecimento
6. Existência do espírito. Evolução
7. Interlúdio
8. Evolução da Força
9. Evolução do espírito
10. Reino animal.
11. Reino hominal
12. Vidas passadas
13. Reino espiritual. Matérias fluídicas
14. Conhecimentos secretos

Prólogo

Dois primos ouvem falar de um poderoso feiticeiro, conhecido como Velho, que reside em um povoado vizinho à fazenda onde um deles reside. Não acreditam em feiticeiros ou bruxos, mas ficam curiosos e decidem conhecê-lo, e partem para o povoado.

Encontram o Velho e logo no primeiro contato a curiosidade aumenta ainda mais, e decidem voltar a visitá-lo. O que acaba se repetindo várias vezes.

Nessas visitas, os assuntos tratados nos diálogos travados tornam-se cada vez mais surpreendentes e intrigantes. Provocativos, mas encaminhados de modo a fazer com que os primos apelem à razão.

Quero agradecer à Elenir Aguilera de Barros por rever o texto, e à Ana Elisa Aguilera de Barros pela pintura que preparou para a capa.

1. Fazenda Cruzeiro do Sul

Lá fora, um ruído de carro chegando. Carlos já imaginava quem era. Colocou sobre a mesa o livro que estava lendo e saiu para dar as boas-vindas. Caçador, seu cão, chegou primeiro demonstrando alegria e recebendo carinhos do recém-chegado.

– Você chegou cedo hoje, disse Carlos caminhando em direção a seu primo Roberto.

– A estrada estava tranquila. Demorei mais no trecho de terra da rodovia até aqui, respondeu Carlos ainda acariciando a cabeça de Caçador.

– Deixe nosso amigo em paz, Caçador. Mais tarde sairemos todos a um passeio, de que você tanto gosta.

E dirigindo-se a Roberto:

– Seja bem-vindo, como sempre, primo.

Os dois trocaram um aperto de mão e se abraçaram.

– Há quanto tempo você tem esse cão? – perguntou Roberto.

Carlos pensou um pouco.

– Já está com três anos; nasceu aqui.

– Três anos de um cão Beadle, como o Caçador, corresponde a cerca de 30 anos nossos. Quando ele tiver 10 anos, seu organismo será como o de uma pessoa com 66. A partir daí podem começar a surgir problemas comuns da idade, como artrose, catarata etc., disse Roberto, que sempre foi curioso e procurava saber das coisas. Prepare-se para os cuidados que serão necessários.

– Quando chegar a hora, Caçador será bem cuidado, garantiu Carlos. Quando não houver mais jeito, há uma forma de fazê-lo dormir tranquilamente e não mais acordar. Eutanásia em animal.

Acariciou com amor a cabeça de Caçador e continuou:

– Vamos entrar. A Iaiá já percebeu sua chegada e está preparando um cafezinho. Ontem ela preparou rosquinhas, aquelas de que você tanto gosta.

Os dois entraram, acompanhados de Caçador, que não parava de abanar o rabo demonstrando sua alegria.

A sala era bastante espaçosa, com cortinas rendadas brancas em janelas de tábuas azuis. Vasos de flores enfeitavam o ambiente. Uma típica casa de fazenda.

Roberto se dirigiu à cozinha, onde encontrou Iaiá, cozinheira e cuidadora da casa.

– Olá, Iaiá. Tudo bem? Como vão seus filhinhos?

– É sempre bom rever o senhor, seu Beto, Carlos me avisou que viria hoje – respondeu a cozinheira enxugando as mãos no avental e com um grande sorriso que deixava à mostra seus dentes saudáveis e que pareciam mais brancos naquele rosto de pele morena. Os moleques estão por aí fazendo suas estrepolias e procurando ovos das galinhas no terreiro.

– Sempre admirei sua forma correta de falar. O que é cada vez mais raro hoje em dia.

– Seu Téo obrigava todos nós a ir à escola. Era um pouco longe, íamos caminhando, mas sempre encontrávamos uma forma de nos divertir no caminho. Calou-se por um momento absorvida em lembranças. Sabe que aprendi até a conjugar verbos irregulares? Completou com orgulho.

– Parabéns, já havia notado em outras ocasiões.

Teodomiro – ou Seu Téo como era tratado pelos colonos e trabalhadores da fazenda – foi o fundador da fazenda. Trabalhador incansável e muito exigente. Queria tudo bem feito. Tratava seus empregados com muito rigor, mas sempre justo e pronto para ouvir queixas e receber sugestões. Por isso era muito querido e respeitado.

Quando adquiriu a fazenda, praticamente não havia nada nela, parecia abandonada tal o descaso com que o proprietário anterior a administrava. Graças a ele, hoje é uma bem-sucedida fazenda de café. Além do cafezal, organizou também um agradável pomar com várias frutas que davam e amadureciam em épocas diferentes do ano. Nunca faltavam na fazenda.

Teve um filho, pai de Carlos, e uma filha, mãe de Roberto. Carlos nasceu e cresceu em Cruzeiro do Sul onde seu pai ajudava na administração da fazenda. Seu primo Roberto também nasceu na fazenda. Logo depois, seu pai abriu um negócio na cidade e se mudaram para lá. Os primos eram muito parecidos em gostos e fisicamente, exceto que Carlos tinha cabelos dourados, presente de sua mãe, que veio de uma família escandinava, imigrante de Oslo.

– O café já está coado e vou servi-lo na sala antes que esfrie. Também preparei rosquinhas para o senhor. Sei que gosta delas.

– Obrigado Iaiá, você nunca se esquece, agradeceu Roberto voltando para a sala.

Caçador cochilava aos pés de Carlos.

– Sente-se, Beto. Hoje teremos um dia diferente.

– Não vamos pescar?

– Nada de pescar. Vai ser uma surpresa para você, como foi para mim.

– Você me deixou curioso. Do que se trata?

– Antes de responder sua pergunta temos de saborear o cafezinho e as rosquinhas , respondeu Carlos apontando com a cabeça para Iaiá que chegava trazendo uma grande bandeja, ornada com uma pequena toalha branca, com o bule, xícaras e uma cestinha de vime forrada com pano também branco rendado e cheia de rosquinhas.

Percebendo a chegada de Iaiá, Caçador voltou à vida e correu todo animado, rabo abanando, em direção a ela.

– Já sei, já sei , disse Iaiá. Estás querendo tua rosquinha. Vou deixá-la no teu prato. Mas tenhas um pouco de paciência, primeiro temos de servir os cavalheiros. Sorriu, aproximou-se dos dois primos e colocou a bandeja sobre uma mesinha de centro.

Os dois se serviram de café e rosquinha e começaram uma descontraída conversa.

– Há nuvens carregadas. Parecem ameaçadoras. Você acha que vai chover? perguntou Roberto.

– Espero que não. Se chover a surpresa terá de ficar para outra ocasião.

Não escondendo sua curiosidade, Roberto deixou de lado a xícara e virou-se para Carlos.

– O que você está tramando? Por que uma chuva iria estragar a surpresa?

– Paciência, paciência. Aprecie seu café e as rosquinhas. Temos de comer todas elas ou a Iaiá ficará decepcionada.

Resignado, Roberto se acomodou na cadeira e calmamente começou a tomar seu café.

– Por que a fazenda se chama Cruzeiro do Sul? Perguntou quebrando o curto silêncio. Há já algum tempo que quero perguntar e sempre me esqueço.

– Foi ideia do vô Téo. À noite ele adorava sentar-se na varanda e observar o céu. Ele se orgulhava de dizer que era capaz de identificar muitas constelações.

– Não sabia que ele tinha estudado astronomia.

– Não estudou, era autodidata nesse assunto e em vários outros. Quando ia à cidade comprar suprimentos para a fazenda, sempre dava um jeito de ir à biblioteca pública e ficava lá algumas horas.

– Imagino que sempre escolhia livros de astronomia.

– Eram seus preferidos.

Ajeitando-se em sua cadeira, Carlos continuou :

– Toda noite ele pegava um rolo de fumo, picava um pouco até encher o forninho do seu cachimbo e ia à varanda sentar-se em sua velha cadeira de vime. Acendia seu cachimbo e começava a olhar o céu enquanto dava curtas tragadas. Lembro-me de que uma noite

sentei-me ao lado dele. Eu era um meninote de uns dez, doze anos. Olhando para mim, ele apontou para o céu e disse: “Estás vendo aquelas três estrelas juntinhas? São as Três Marias. Fazem parte de Órion, uma das constelações mais conhecidas, por conter estrelas muito brilhantes e ser visível em praticamente qualquer parte da Terra.”

Tomou um gole de café e continuou:

– O vô não escondia o entusiasmo que sentia ao falar: “As Três Marias estão bem no centro de um quadrilátero que identifica Órion. Consegues ver o quadrilátero? Em um dos vértices está Betelgeuse, de cor vermelha; em outro está Rigel, de cor azul. Não vais perceber as cores a olho nu. Estas duas estrelas estão entre as mais brilhantes de todo o firmamento. As estrelas que estão nos outros dois vértices do quadrilátero são Bellatrix e Saiph.”

– Eu estava admirado com tanta sabedoria. “Vô, eu disse, como consegue guardar tantos nomes esquisitos?” E ele respondeu: “Minha memória já não é tão boa como antes. Sei que cada uma das Três Marias tem seu próprio nome. Mas não me lembro deles.”

– A fazenda deveria, então, se chamar Três Marias, já que ele aparentemente as admirava, observou Roberto.

– Mas não era sua constelação preferida, emendou Carlos.

– Vou arriscar: era o Cruzeiro do Sul.

– Isso mesmo. Ele sempre repetia que o Cruzeiro do Sul, apesar de ser uma das menores constelações, era também a mais procurada pelos observadores do hemisfério sul. Além de ajudar na navegação, o Cruzeiro do Sul é também “um relógio sideral”, ele dizia.

– Relógio?

– Ele me explicou: “... é um excelente relógio. A linha formada pelo braço mais extenso da cruz gira em torno do polo sul em aproximadamente 24 horas. Conforme sua posição, é possível saber as horas. Esse braço serve, também, para identificar a direção do Polo Sul”. E acrescentou outros detalhes, de que agora não me lembro.

– Conviver com o vô parece ter sido muito interessante, disse Roberto.

– Sem dúvida. Sempre se aprendia algo com ele. Me ensinou a pescar, e outras coisas que não se aprendem na escola, e riu.

2. Obtendo o endereço

Notando que as rosquinhas estavam acabando, Carlos dirigiu-se a Iaiá, que ainda estava na cozinha:

– Iaiá, peça ao Pedro para encilhar o Alazão e o Ventania. Vamos sair logo mais. Ele não precisa preparar o samburá. Hoje não vamos pescar.

Iaiá saiu à procura de Pedro. Carlos levou o bule, as xícaras e o cesto vazio para a cozinha, e encheu duas garrafas térmicas com água fresca.

– Temos pela frente uma razoável distância a percorrer e essa água pode ser necessária.

– Como sempre, vou cavalgar o Alazão. Correto?

– Sim, é isto mesmo – respondeu Carlos. O Ventania continua muito arisco e ainda não gosta dos caipiras da cidade, acrescentou rindo. O tempo abriu, ponha um chapéu porque podemos ter muito sol pelo caminho.

Pegaram chapéus e se dirigiram à cocheira, acompanhados de Caçador, que já pressentia um passeio. Pedro já os esperava com os cavalos prontos.

– Boa tarde, Pedro, como vai esta força?

– Boa tarde, seu Beto, prazer em revê-lo. Estou bem, obrigado. Seu cavalo já está arreado e pronto para sair. Fez um carinho em Caçador e entregou as rédeas a Roberto.

O pelo cor canela do Alazão e cinza claro do Ventania brilhavam. Pedro escovava os cavalos diariamente. Era a tarefa que lhe dava mais prazer.

– Vamos, Caçador, convidou Carlos, como se fosse necessário.

Os dois montaram seus animais, se despediram de Pedro e se prepararam para partir. Nenhum deles usava esporas. Na Cruzeiro do Sul, isso era terminantemente proibido. “Não é necessário machucar o animal. Basta uma leve cutucada no ventre com o calcanhar e o cavalo anda; duas cutucadas e ele anda mais depressa; três, começa a correr.”, ensinava Teodomiro.

“Já vai tarde”, ouviu-se uma voz estridente. Os dois olharam curiosos para trás. Vinha de um papagaio em seu poleiro numa parede externa da cocheira.

– Ganhei outro dia do meu primo, explicou Pedro. Deve ser porque estou sempre contando piadas de papagaio, acrescentou rindo. E voltando-se com o dedo em riste para o louro:

– Seja educado, Pacheco. Quer ficar sem suas sementinhas?

Carlos e Roberto riram e partiram seguidos pelo Caçador.

O terreno da fazenda era praticamente plano e isto facilitava a colheita e secagem de café. Um rio calmo e piscoso definia uma das divisas da fazenda. Era onde os dois primos costumavam pescar.

– Você não acha que já está na hora de me dizer que surpresa é esta que me preparou? perguntou Roberto que não escondia sua curiosidade.

– Vai ser uma surpresa para mim também.

– Como assim?

– No meio desta semana estávamos, Pedro e eu, colhendo frutas e ele me disse que na aldeia vizinha se fala de um velho feiticeiro que vive por lá. Capaz de curar doentes, ler o futuro, encontrar tesouros enterrados e outras proezas. Onça nenhuma o ataca. O pessoal do povoado chamam-no de “o Velho”.

– Que bobagens são estas? Para começar, onça não ataca ninguém.

– É verdade. Se não mexer com ela, pode até passar perto que ela não investe contra você. Mas os aldeãos temem o Velho e nem se aproximam da sua casa.

– E vamos visitar essa pessoa? Já estou com os pelos arrepiados. E riu.

Aproximaram-se de uma margem baixa do rio.

– Vamos atravessar aqui. O rio dá vau e a aldeia que queremos não fica longe. “Fica a um tiro de espingarda”, como dizem por estas bandas.

Atravessaram o rio. Caçador não se intimidou. Cruzou em seu estilo “cachorrinho”.

No outro lado do rio, o terreno já não era tão plano, mas não apresentava dificuldades para os bem alimentados cavalos. Após uma pequena cavalgada adentraram a aldeia. Como era domingo, não havia muito movimento. Viram um aldeão sentado na varanda de sua casa lendo a edição dominical da Gazeta.

– Bom dia! Queremos falar com o Velho. Você poderia nos dizer como chegar até ele?

– Bom dia! Vocês estão loucos? Ninguém se atreve a falar com ele, a não ser alguém desesperado que tenha alguma enfermidade que médico algum consegue curar. Aconselho vocês a voltarem pelo mesmo caminho que vieram.

– Obrigado pelo conselho, mas não vamos fazer isto. Estamos determinados a falar com ele.

– Então, procurem outra pessoa. Não quero ter um peso na minha consciência.

– Tudo bem. Pode pelo menos nos indicar alguém a quem pudéssemos perguntar?

– Procurem o Joaquim. Ele mantém seu armazém aberto nos domingos. É ele quem entrega as compras do Velho. E acrescentou indicando com um dedo: O armazém fica logo ali, na segunda esquina, à direita.

– Obrigado. Até mais.

O armazém era fornecedor de cereais, ferramentas e outros produtos. Uma placa dizia: “Secos e molhados”. Na calçada, à frente da porta, estavam expostas algumas de suas mercadorias convidando possível freguês a entrar. Caçador farejava tudo.

– Bom dia, seu Joaquim, saudaram entrando no armazém.

– Está mesmo um bom dia. Um domingo maravilhoso. O que vocês necessitam? Tenho quase de tudo.

– Não viemos fazer compras. Estamos aqui porque nos disseram que você pode nos indicar onde mora o Velho.

– Não têm medo dele?

– Não, e o senhor?

– Também não, afinal ele sempre me recebe bem, paga suas compras e até me dá uma gorjeta. Nunca me fez mal ou assustou.

Obtiveram a orientação do Joaquim, agradeceram e partiram para o local informado.

3. Primeiro encontro

O Velho morava numa pequena colina. Sua casa era modesta e bem conservada. Ao chegarem lá, encontraram-no em pé em sua varanda. Estatura média, nada tinha de especial, pelo menos em sua aparência. Cultivava uma barba não muito longa que cobria parcialmente um semblante calmo e confiante. Suas vestes eram simples e limpas. Seus dedos longos não exibiam nenhum anel.

– Já os esperava, disse logo que Carlos e Roberto se aproximaram.

– Foi uma visão? O cara é mesmo um mago? perguntou Carlos baixinho a Roberto.

– Não seja tolo, respondeu Roberto no mesmo tom. Magia é para histórias infantis. E dirigindo-se ao Velho, sou Roberto e este é meu primo Carlos.

– Sejam bem-vindos. Entrem, a não ser que tenham receio dos meus maravilhosos poderes, disse o Velho adivinhando o pensamento dos primos e rindo.

Os dois primos apearam, amarraram as rédeas dos cavalos em uma cerca próxima, tiraram os chapéus e entraram. Caçador ficou fora explorando curioso a redondeza.

A casa, bem cuidada, não acusava sua idade. Não sofisticada, de tamanho médio, continha sala com algumas poltronas, cozinha, dois quartos e um banheiro. Os móveis da casa eram simples e práticos. Uma estante cheia de livros ocupava uma parede inteira da sala. Frente a ela havia uma escrivaninha ampla e um computador. Na parte de fora tinha uma varanda, uma área de serviço, um depósito e um pequeno quintal com uma horta e vários tipos de flores.

Depois que todos se acomodaram, o Velho perguntou:

– Então, a quem lhes devo a visita?

Não responderam. Ainda estavam curiosos com o fato de o Velho dizer-lhes que já os esperava.

– Como você (posso chamá-lo de você?) adivinhou que iríamos chegar? O Joaquim do armazém lhe telefonou? Vi que você tem um celular.

– Sem adivinhações ou telefonemas. Nem mistérios. Estava cuidando de minhas flores e os vi em seus cavalos subindo a colina. Como podem ver, não tenho vizinhos, portanto vocês somente poderiam estar vindo à minha casa. Elementar, meu caro Watson.

O Velho é fã de Sherlock Holmes, pensaram os dois primos. Roberto olhou sorrindo para Carlos, como querendo dizer “Está vendo? Nada de magia.”

– Por que vieram? insistiu o Velho.

– Somos primos, Carlos e Roberto, e viemos da Fazenda Cruzeiro do Sul.

– Cruzeiro do Sul, disse o Velho pensativo e em voz baixa. Ah! Exclamou. Conheci Teodomiro, o proprietário. Trabalhador, empreendedor e autodidata. Às vezes nos encontrávamos na biblioteca da cidade. Se não me falha a memória, gostava de consultar livros de astronomia. Disse-me que nas noites escuras da fazenda ficava procurando as constelações que conhecia e procurava identificar outras que havia visto nos livros da biblioteca. Depois me mudei para cá e nunca mais o vi.

– Nosso avô, explicou Carlos.

– Muito bem, por que vieram? repetiu o Velho.

– Na fazenda ouvimos dizer que por aqui morava um feiticeiro com poderes extraordinários e decidimos conhecê-lo, disse Carlos com certo acanhamento.

– Feiticeiro? E riu. Ignorância do povo. Contudo tenho, sim, alguns poderes. Como vão descobrir se continuarem a me visitar.

Os primos se entreolharam.

– Por que o chamam de “Velho”?

– Possivelmente porque sou velho. Todos riram.

– Qual é seu nome verdadeiro?

– Qual deles?

– Você tem vários nomes?

– Sim, como todos nós.

– Eu tenho apenas um, disseram os dois primos ao mesmo tempo.

– Como vocês sabem?

– Ora, consta de nossa certidão de nascimento.

- Também da certidão de batismo?
- Não fomos batizados. Nosso avô já dizia que isso era tolice, que servia apenas para encher as burras da igreja.
- Não eram católicos? Qual religião seguiam?
- Nenhuma.
- São ateus. Isso me parece bom e ruim.

Os primos começaram a desconfiar que o Velho não regulava bem da cabeça. Ter vários nomes é comum a todos e ser ateu é bom e ruim ao mesmo tempo. Definitivamente, faltava um parafuso na cabeça do velho. “Efeito da idade”, pensaram.

O Velho levantou-se bruscamente.

- Não querem voltar outro dia? disse calmamente. Não os esperava e tenho algumas coisas programadas para terminar ainda hoje.

Ficaram atônitos com este inesperado comportamento do Velho.

- Vocês poderiam chegar mais cedo? Teríamos tempo para conversar e poderíamos almoçar juntos. Sou um bom cozinheiro.

Olharam para a cozinha e notaram sua limpeza e organização. Toda louça e panelas em seus devidos lugares. Notando o olhar diligente dos primos acrescentou:

- Se preferirem, tragam um lanche para vocês.

Não estavam convencidos de que voltariam e o Velho notou. Sem demonstrar mágoa ou qualquer outro sentimento, acrescentou estendendo as mãos em sinal de despedida:

- Já sabem o caminho. Não precisam avisar, desde que venham em um domingo ou feriado.

Ainda um pouco confusos, trocaram um aperto de mãos com o Velho, pegaram seus chapéus, saíram e se dirigiram aos cavalos.

- Onde está você, Caçador? gritou Carlos assobiando para chamar o cachorro. Este veio correndo abanando o rabo.

Desceram a colina calmamente sem se virar para trás. Não viram o Velho observando eles se afastarem e cofiando a barba.

- O que você achou dele? perguntou Carlos quando já estavam distantes e fora do alcance dos ouvidos do Velho.

- Difícil dizer. De qualquer maneira não creio que seja um feiticeiro, ou coisa que o valha. Nem que esteja mal da cabeça, que tenha um parafuso frouxo.

– Ele disse que tem poderes, não disse? E que tem vários nomes. Não lhe parece estranho para uma pessoa saudável dizer?

– E que ser ateu é bom e ruim, completou Roberto.

Depois de breve silêncio Carlos perguntou:

– Vamos voltar na semana que vem?

– Eu topo, mas vamos trazer nosso lanche. Não confio na comida dele, e riu.

Caçador corria na frente. Como sabia o caminho de volta é um dos muitos mistérios da natureza.

4. Intuição e livre-arbítrio

Na semana seguinte Roberto chegou mais cedo na Cruzeiro do Sul. Seu primo o aguardava ansioso.

– Aqui está o embornal com água e um lanche que a Iaiá nos preparou. Pedro já arreou os cavalos e preparou ração e água para eles. Vamos partir em seguida para visitar o Velho. Ou você quer descansar um pouco?

– Por que esta pressa? Não preciso descansar. Só vou dizer um alô à Iaiá, e entrou.

Depois de saudar a Iaiá, ao sair olhou em volta.

– Onde está o Caçador?

– Pedro foi visitar uns parentes e o levou. Vamos, não quero chegar tarde como no domingo passado.

– Você gostou mesmo do Velho, heim?

– Ele é esquisito, não é? De qualquer forma conseguiu ativar minha curiosidade de tal forma que passei a semana pensando nele. Até meu pai notou que eu estava diferente, mas nada perguntou.

– A propósito, como está o tio?

– Firme como uma rocha. Segue os passos do vô na administração da fazenda, e acrescentou impaciente: Vamos logo, estamos perdendo tempo.

Montaram em seus cavalos e partiram.

Chegando ao povoado viram Joaquim na porta do seu armazém. Sem parar cumprimentaram-no levando a mão até a aba do chapéu.

– Vão visitar o Velho? perguntou Joaquim.

Confirmaram com um movimento da cabeça e continuaram em seu caminho.

– Pelo visto gostaram dele, disse Joaquim a si mesmo.

Ao chegar na casa do Velho, uma decepção os aguardava. Ele não estava.

– O Velho não disse que poderíamos vir sem avisar? perguntou Carlos.

– Sim. Talvez tenha ficado doente e está na casa de algum parente.

– O que vamos fazer? Esperar?

– Esperar até quando?

Aparearam para que os cavalos descansassem. Tomaram um pouco de água e olharam em volta. O jardim, muito bem cuidado, encantava com suas flores coloridas. Sentiam-se seus perfumes no ar.

– Olá, pessoal. Era o Velho saindo do depósito. Estava arrumando alguns sacos de terra vegetal e de terra com húmus de minhoca que o Joaquim me entregou ontem à tarde.

Os primos se sentiram aliviados. Não haviam perdido a viagem.

– As flores requerem que se lhes dê terra vegetal de vez em quando. A terra com húmus de minhoca é para a horta, continuou o Velho. Mas deixemos a Agronomia em paz. Entrem e fiquem à vontade. Vou lavar as mãos e logo estarei com vocês.

Entraram e se acomodaram. Carlos apontando para a escrivaninha perguntou:

– Você está vendo o computador? Para que o Velho necessita dele?

– Não tenho ideia. Acha que devemos perguntar?

– Não seria bisbilhotice?

– Perguntar não ofende.

Notaram que sobre a escrivaninha havia alguns livros, novos.

– Chegaram ontem. Comprei-os pela internet, disse o Velho entrando e deixando a porta aberta, como costumava fazer durante o dia.

“Então é essa a serventia do computador”, pensou Carlos.

– Passo algumas horas por dia ligado na internet. Leio notícias, algumas matérias e vejo alguns vídeos. Como vocês devem saber, há muita coisa interessante na internet ,, e muito lixo também.

Depois de pequena pausa, continuou:

– Como fizemos com a Agronomia, vamos deixar a internet em paz. Querem tomar algo, uma água, um café?

– Não, obrigado, responderam os primos.

– Viemos visitá-lo para conversar, disse Carlos.

– Eu sabia que viriam, disse o Velho sentando-se.

– Como poderia saber se nem mesmo nós estávamos certos de voltar? questionou Roberto desconfiado.

O Velho olhou para um, olhou para o outro, ajeitou-se na poltrona e disse:

– Por quais meios vocês ficam sabendo das coisas?

– Da forma usual. Lendo jornais, vendo noticiários, navegando pela internet, respondeu Carlos.

– Ouvindo pessoas, acrescentou Roberto.

– Estas são formas para se obter informações, disse o Velho enfatizando a palavra informações. Foi ouvindo o Joaquim que vocês ficaram sabendo como chegar até aqui, acrescentou calmamente.

– Que conversa é esta? perguntou Carlos impaciente. Não estou percebendo onde quer chegar.

– Vocês fizeram uma pergunta e estou tentando responder, pois eu a achei interessante.

E continuou.

– Para receber informação sobre algo, usualmente recorremos aos nossos órgãos sensoriais, os cinco sentidos. Correto?

– Correto, usamos os olhos para ver, os ouvidos para ouvir, etc. Respondeu Carlos, ainda incomodado. Como seus cinco sentidos lhe informaram que viríamos?

– Não informaram. Com licença. Volto já. O Velho levantou-se e foi à cozinha.

Os primos se olharam.

– Vamos continuar com esse papo? perguntou Carlos em voz baixa e encurvando-se na direção de Roberto.

– Parece-me que o Velho está querendo nos dizer alguma coisa. Seja paciente.

– Ele foi à cozinha, mas não está fazendo nada lá, disse Carlos um tanto desconfiado.

– Talvez suas intenções são de nos deixar a sós por uns instantes.

– Com qual propósito?

– Acho que vamos descobrir logo, pois ele está voltando.

O Velho sentou-se, alisou a barba com ambas as mãos e fechou os olhos. Parecia que estava procurando palavras para se expressar.

– Então estamos de acordo em que por meio dos nossos sentidos tomamos conhecimento daquilo que nos rodeia, ficamos sabendo de algo. Contudo meus sentidos não tinham como me informar que vocês viriam. Apesar disso, fiquei sabendo. Como pode ser?

– Voltamos à nossa pergunta inicial. Como podia saber que viríamos?

– Pensemos um pouco. Se os sentidos não puderam me dar a informação, e eu sabia, então, a não ser que estava mentindo, e não estava, deve haver algum outro canal de comunicação. Elementar, meu caro Watson, disse o Velho sorrindo.

“É, o homem é mesmo fã de Sherlock”, pensou Roberto.

– Quem são estes dois? perguntou alguém entrando sem avisar.

– Bom dia para você também, Everaldo, disse o Velho em tom de brincadeira voltando-se para o recém-chegado. Apresento-lhe Roberto e Carlos, nossos vizinhos da Cruzeiro do Sul.

– Prazer, disse Everaldo estendendo a mão para os primos.

– Prazer, responderam sem muito entusiasmo. Não gostaram da forma como Everaldo adentrou o recinto.

– Entendo a reação de vocês e peço-lhes desculpa. O Velho sabe que me preocupo bastante com as visitas que recebe.

– Por que esta preocupação? Perguntou Roberto.

Não respondeu. Voltando-se para Everaldo, o Velho convidou.

– Junte-se a nós, estamos tendo uma conversa interessante.

– Fica para outra vez, tenho de ir agora. Despediu-se de todos e saiu rapidamente.

A saída inesperada de Everaldo deixou todos atônitos, menos o Velho, que demonstrava não dar importância ao acontecimento:

– Onde estávamos? perguntou.

Recuperando-se da surpresa provocada por Everaldo, Roberto disse:

– Falávamos do papel que nossos sentidos desempenham na aquisição de informação.

– Ah, sim! Vou tornar nossa conversa mais interessante. Vocês acham que nossos sentidos nos fornecem informações que nos tornam mais sábios?

– Como duvidar disso? Olhe os animais, por exemplo, com a experiência obtida com os seus sentidos gravam situações que não lhes são agradáveis. Se um cão passa sob uma

cerca de arame farpado e machuca as costas, na próxima vez ele será cuidadoso, mais sabido. Aconteceu com Caçador lá na fazenda.

– Caçador?

– O cachorro da Cruzeiro do Sul, que nos acompanhou na visita anterior.

– Ah!, e você acha que isto é sabedoria?

– O que poderia ser?

– Você não chamaria de memória este aspecto cognitivo dos animais? O cão obteve uma informação e a registrou em sua memória. Isto o torna um sábio? Um computador, continuou apontando para o que estava sobre a escrivaninha, tem uma quantidade enorme de informações gravadas em sua “memória”. Isto o torna um sábio? Repetiu.

– Claro que não, concordou Roberto.

Carlos, que acompanhava o diálogo calado, interferiu.

– Eu vejo a memória dos animais como um tipo de conhecimento que eles adquiriram.

Voltando-se de Carlos para o Velho, Roberto propôs:

– Voltemos à sua afirmação de que ficou sabendo de nossa vinda sem usar os sentidos físicos. Poderia nos explicar?

– Certamente. Voltemos a raciocinar. “O Velho ficou sabendo que os primos viriam; o Velho não usou seus sentidos físicos; portanto, caro Watson, o Velho usou outra via de informação.”

– Concordamos, respondeu Roberto em nome dos dois. Não usou seus sentidos físicos nem recebeu telefonema.

– Isso mesmo. Expandindo a conclusão do nosso raciocínio anterior, chegamos a uma segunda conclusão. Há outro sentido comum ao ser humano, além dos físicos, que lhe proporciona informação.

– Diante do seu raciocínio, não vejo como discordar, disse Roberto. E qual seria este misterioso sentido?

– Há quem o chama de instinto, outros de inteligência emocional. Fez uma pausa. Instinto não explica nada, apenas nos deixa com a sensação de que entendemos um comportamento, do animal ou do ser humano; inteligência emocional é um conceito psicológico que não se aplica no caso.

Fez uma pequena pausa e continuou:

– Intuição é o nome desse sentido extra que todos os seres humanos têm. Os espiritualistas a chamam de mediunidade.

– Já ouvi falar disso, informou Carlos, médium é uma pessoa que conversa com espíritos.

– Noção muito pobre e limitada, protestou o Velho. Mediunidade é um conceito muito mais amplo. Mas, não nos desviemos do assunto que começamos. Em outra oportunidade poderemos, se quiserem, falar sobre essa faculdade, que não é apenas dos humanos.

Após pequena pausa, acrescentou:

– Os sentidos físicos captam e nos passam informações do mundo exterior. Uma imagem nos chega à mente por meio da visão; apreciamos uma música por meio da audição, e o mesmo acontece com o que percebemos com os demais sentidos. Imagem, música, etc. são percepções geradas pelos sentidos físicos. Também recebemos informações via outros meios, a intuição é um deles. E arrematou: Fiquei sabendo que vocês voltariam por meio da intuição.

Roberto se lembrou da conversa com Carlos quando voltavam da visita anterior. “Vamos voltar na semana que vem? Eu topo.” Como o Velho soube desse detalhe? Ele estava muito distante para ter conseguido ouvir. Deve ter sido a tal de intuição.

– Interessante este conceito de um sentido além dos físicos, disse Carlos, mas me sinto incomodado por algumas dúvidas. Como você pode confiar em sua intuição? Como ter certeza de que a informação que ela lhe passa é correta?

– O Carlos antecipou minhas dúvidas, acrescentou Roberto.

Com um sorriso o Velho demonstrou ter gostado das perguntas. E começou a responder.

– Quando a intuição que se recebe envolve pessoas, não há como ter certeza de que vai ocorrer. A informação que me foi intuída de que vocês voltariam não era segura, e eu sabia disso.

– Estou confuso, disse Carlos. Você sabia que voltaríamos, mas também sabia que poderíamos não voltar! Não há uma contradição aqui?

– Não há paradoxo algum, como vou lhes explicar. As ideias ficarão mais claras quando introduzirmos um elemento que até agora esteve ausente em nossa conversa. Mas, antes, vamos almoçar, pois já me deu fome. Levantou-se e dirigiu-se à cozinha. Venham, vamos comer.

Os primos já estavam se acostumando com esses repentes do Velho. Seriam intencionais? Com que propósito, se é que havia algum? Conformados, pegaram a panela de tapioca que a Iaiá lhes havia preparado e se juntaram ao Velho, que já estava preparando um prato de macarrão ao alho e óleo, enriquecido com manjeriço e queijo parmesão ralado. Era apetitoso.

– Macarrão é meu prato favorito nos domingos, e apanhou uma garrafa de vinho branco na geladeira. Um Riesling, informou.

– Um o quê? Perguntou Carlos.

– Riesling. É a variedade das uvas que deram origem ao vinho, aclarou Roberto.

– Mas não é meu favorito, acrescentou o Velho. Ainda prefiro um Chardonnay.

– Outra variedade de uvas brancas, explicou Roberto dirigindo-se a Carlos.

O Velho colocou três taças de vinho na mesa.

– Me acompanham? Convidou.

Assuntos variados e amenos juntaram-se ao almoço até o final.

– Um cafezinho para arrematar o almoço? perguntou o Velho.

Tomaram café e voltaram à sala.

– Onde estávamos?

– Com o paradoxo de saber e ao mesmo tempo não saber, respondeu Roberto com um sorriso meio zombeteiro.

– Eu não estava brincando, disse o Velho seriamente. Não há paradoxo algum, como afirmei antes do almoço. Faltou-nos levar em conta um elemento importante e por isso deparamo-nos com o aparente paradoxo.

Fez uma pequena pausa e continuou:

– Acho que ficou claro que todos os seres humanos têm o sentido da intuição. Têm, também, uma faculdade em comum e é devido a essa faculdade que eu sabia que talvez vocês não viessem.

– Não estou entendendo, disse Carlos. Que faculdade é essa que poderia interferir em nossa decisão de voltar ou não?

– Chama-se livre-arbítrio.

– Sei, disse Carlos, podemos fazer o que nos der na telha.

– Exatamente, concordou o Velho. Todo ser humano tem a faculdade de decidir o que vai fazer, qual atitude tomar diante de uma situação. Essa faculdade é parcialmente responsável pela construção do futuro.

– O futuro já está determinado. Basta conhecer todos os fatores atuantes no presente, interferiu Roberto.

– Não só no presente. Alguém disse que, se quisermos conhecer o futuro, basta olhar para o passado, acrescentou Carlos.

– Isso, isso, isso, concordou o Velho demonstrando que conhecia Chaves do programa de TV mexicano. Notem que eu disse parcialmente responsável, acrescentou enfatizando a palavra parcialmente. Mas, não nos desviemos do nosso tema.

Ajeitou-se na poltrona e continuou.

– Quando se foram na semana passada, tinham decidido voltar. Minha intuição me deu esta informação. Eu sabia que nos dias seguintes poderiam decidir não mais vir. Um de vocês, ou os dois, poderia acionar seu livre-arbítrio e mudar de ideia. Daí eu saber e não saber ao mesmo tempo.

– Por livre vontade decidimos vir, como é óbvio, disse Roberto rindo.

– Paradoxo resolvido. Vocês acham que animais irracionais têm livre-arbítrio? Não esperou a resposta. Desejo-lhes uma boa viagem de regresso. Quem sabe decidam voltar algum dia, e estendeu a mão em sinal de despedida.

Outro repente do Velho. Seria intencional?

– Esteja certo de que voltaremos, não é mesmo Carlos?

– Com certeza. Ainda temos outras dúvidas que surgiram na visita anterior e que esperamos serem aclaradas. Também quero mais informações sobre mediunidade.

5. Informação e conhecimento

Na semana seguinte chegaram um pouco mais tarde. Viram alguém saindo da casa. Era Everaldo, que os cumprimentou com um aceno, montou em seu cavalo e se foi. Os primos retribuíram o aceno.

Prenderam Alazão e Ventania na cerca, bateram palmas e entraram.

– Bom dia, Velho, saudaram os primos. Tudo bem?

– Bom dia. Vejo que não trouxeram lanche.

– Decidimos nos arriscar e provar sua macarronada. É o prato dos domingos, não é?

O Velho riu e respondeu sem nenhuma modéstia.

– Não vão se arrepender. Sentem-se, sentem-se.

Após todos se acomodarem, o Velho continuou:

– Estão aqui não pela minha comida, mas sim porque têm perguntas.

– Muitas, concordou Carlos. Esperamos que nos aclare algumas de suas afirmações. Em nossa primeira visita você disse que temos vários nomes, ser ateu é bom e ruim, e

que o senhor tem poderes. Ainda há o assunto da mediunidade, do livre-arbítrio dos animais...

O Velho riu novamente.

– Outras ainda irão surgir, se continuarem vindo. E terão as respostas.

Fez uma pequena pausa e continuou:

– Hoje vamos voltar brevemente ao assunto que ficou incompleto na semana passada. Concordam? Não esperou resposta. Eu havia dito que informação gera conhecimento. Um computador tem muita informação armazenada em sua memória. Pode responder muitas perguntas. Contudo, ele não é capaz de gerar um conhecimento novo, um descobrimento, algo que enriqueça a ciência por exemplo. O máximo que pode fazer é responder perguntas se as respostas correspondentes foram registradas anteriormente em sua memória. Esse registro é feito, geralmente, por uma pessoa.

– Um sábio também somente pode responder perguntas se souber a resposta, argumentou Roberto.

– Mas há uma diferença de comportamento, se é que podemos falar de comportamento de um computador. Se a resposta não estiver em sua memória, simplesmente ignora a pergunta. Na melhor das hipóteses pode sugerir perguntas análogas para as quais tenha resposta.

– Como assim?

– O computador pode lhe responder algo parecido com “você quis dizer”, e apresentar uma sugestão.

– Isso é positivo, não lhe parece?

– Sim, mas ele não respondeu a pergunta inicial.

– Já, o sábio...

– Se ele não souber responder e considerar interessante a pergunta, vai procurar a resposta.

Depois de uma pequena pausa continuou:

– Há outro detalhe que diferencia um computador de um sábio. Este procura informação, faz pesquisa. Aquele recebe passivamente informação e a registra em sua memória, se quem o opera assim o desejar. Não procura vínculos com outros assuntos, mesmo que sejam correlatos, a menos que se lhe imponha essa tarefa como no caso do “você quis dizer”. Em outras palavras, o computador é passivo enquanto que o sábio é inquieto.

– Concordo, disse Roberto, um computador não tem recursos para gerar conhecimento, apenas repete o que lhe informaram.

– Qual é, então, o comportamento de um sábio? Como ele gera conhecimento, faz um descobrimento? Podemos seguir por aí? Sem esperar resposta, continuou. Na História da Ciência há vários exemplos de descobrimentos que são atribuídos ao acaso.

– Desculpe-me interromper, diz Carlos, mas ouvi dizer que acaso não existe. Contudo não vejo explicação para muitos acontecimentos.

– E está correto o que ouviu. Não existe acaso, o que existe é o desconhecimento de alguma lei por trás de um fenômeno observado e que foi considerado obra do acaso. No universo há uma variedade infinita de fenômenos. Todos eles, sem exceção, regidos por leis. Conhecemos muitas delas, mas não todas. Para aumentar nosso grau de ignorância, não temos conhecimento nem mesmo de todos os fenômenos que ocorrem no universo. De vez em quando surge algo novo. Por exemplo, é sabido que tirar uma foto com um telefone celular à luz do dia é um problema, devido à reflexão de luz na tela do aparelho. Alguns cientistas notaram que há um tipo de borboleta cujas asas praticamente não refletem a luz. É transparente. Examinando as asas descobriram que esse fenômeno ocorre devido à nanoestrutura delas e já se pensa em utilizar essa nanoestrutura nas telas dos celulares. Eis a natureza mais uma vez desvelando um dos seus segredos. Quantos mais existem? Fez uma pequena pausa.

– Quem não aceita a intervenção do acaso recorre ao conceito de um projeto inteligente que concorreu para estruturar e dar sentido ao universo. De acordo com essa ideia, tudo que ocorre na natureza tem um propósito. Discordando dessa opinião, quase todos pesquisadores e cientistas evolucionistas afirmam que não existe um projeto inteligente e que tudo que observamos é consequência do acaso, de seleção natural para preservação da espécie. Fez outra pausa. Mas não explicam quais recursos a natureza usa para fazer a seleção. E acrescentou com certa ironia:

– Esses pesquisadores gastam fortunas para copiar a natureza. Eu disse copiar, e mesmo para isso é necessário muita inteligência. E a natureza não precisou?

– Permite-me uma interrupção? pediu Roberto.

– Vá em frente.

– Se o propósito é preservar a espécie, então houve uma falha incrível no processo seletivo.

– Como assim? perguntou Carlos.

– A seleção natural não conseguiu criar organismos que não envelhecem. O envelhecimento é uma das causas da morte, portanto, da eliminação, em vez de conservação, da espécie.

– Uma opinião interessante, concordou Carlos.

– Já que o assunto das descobertas foi interrompido, vamos almoçar porque já me bateu fome. Todos se dirigiram à cozinha.

– Hoje temos macarronada com molho de tomate, queijo ralado, manjerição e carne moída. Acompanhada de um bom carmenère. Minha receita, explicou com prazer não disfarçado.

– Carmenère? Ah, já sei, outra variedade de uvas, disse Carlos com orgulho.

– Logo vamos ter um enólogo na família, disse Roberto rindo. E dirigindo-se ao Velho, onde você consegue seus vinhos?

– Com o Joaquim, do armazém lá do povoado. Vocês já o conhecem. Se ele não tem o que quero, encomenda em algum lugar na cidade. Após o almoço, os primos agradeceram e elogiaram a comida.

– Acho que não vamos mais trazer lanche, disse Carlos rindo.

– Podem trazer vinho, sugeriu o Velho também rindo.

Após o tradicional cafezinho, ajudaram o Velho a arrumar a cozinha e voltaram à sala.

– Onde paramos? perguntou o Velho.

– A questão do acaso ficou clara. Não existe acaso, admiti-lo é demonstrar desconhecimento de alguma lei da natureza. Gostaria que você retomasse o assunto da geração de conhecimento, das descobertas.

– Isso um computador não pode fazer, como ficou claro. Pois falta a ele o elemento intuição. Já falamos dela, não? Ela desempenha um papel importante nos descobrimentos.

– Se todos nós temos essa faculdade, como você afirmou na semana passada, por que não fazemos novas descobertas? perguntou Roberto.

– Quem disse que não fazemos? Pense bem e verá que a vida toda é uma sequência de descobrimentos.

– Concordo, mas queria me referir a descobrimentos científicos, que ampliem nosso entendimento do universo, que possam ser úteis a todos.

– Os descobrimentos próprios da vida nos tornam mais experientes, mais espertos, digamos. Mas não nos tornam um cientista, acrescentou Carlos.

– É verdade, mas por que não? perguntou o Velho.

– Por várias razões e a mais importante, creio eu, é nossa formação acadêmica.

– Muitas pessoas são diplomadas anualmente, mas, quantas se tornam cientistas ao pé da letra? Isto é, quantos fazem descobrimentos notáveis?

– Não muitas. Interveio Carlos. Aliás, alguém já disse que há pessoas que se diplomam aos 25 anos e permanecem burras o resto da vida. O Velho disparou-lhe um olhar sério de quem não gostou do que ouviu.

– Haveria alguma razão por que são poucos os cientistas que realizam descobertas, digamos, significativas? perguntou Roberto.

– Para encontrar a resposta, precisamos retomar o tema intuição.

O Velho fez uma pausa e os primos ficaram atentos.

– Acho que ficou claro que intuição é um sentido que todos nós temos. É, também, o nome que se dá àquilo que este sentido capta. Intuição é, portanto, uma faculdade psíquica e uma coisa, algo que existe.

– Você está nos dizendo que uma intuição tem uma existência própria?

– A intuição é uma coisa, existe e pode ser captada, respondeu o Velho. Uma pequena pausa e prosseguiu. Nossos sentidos físicos captam impressões que nos vêm de fora. Os olhos captam a luz, os ouvidos, o som, e assim por diante. Com a intuição não é diferente. O que ela capta? Pensamentos. O ser humano é um exemplo de um ser pensante. E o pensamento que produz se propaga pelo espaço e é captado por outras pessoas, de forma consciente ou não. Quantos sons estão sendo produzidos lá fora neste preciso momento? Somos bombardeados por eles e não nos damos conta. Nossos ouvidos os captam, mas esses sons permanecem despercebidos porque não nos chamam a atenção. O mesmo acontece com os pensamentos. Somos atingidos por eles, mas não os captamos, ou melhor, não os percebemos.

– Deixe-me ver se entendi. Intuição é um pensamento transmitido.

– Isso mesmo.

– Quem produziu esse pensamento?

– Quem tem a capacidade de pensar, arriscou Carlos.

– Tem lógica, diz Roberto. Podemos concluir, então, que a intuição é um pensamento, e um pensamento é uma coisa, coisa criada por pessoas.

– Não somente por pessoas, mas não vamos nos deter neste detalhe, pois não queremos nos desviar do nosso assunto.

Como usual, fez uma pequena pausa, como quem está organizando os pensamentos.

– Voltemos ao cientista que achou uma pergunta interessante e procura uma resposta. Neste momento, sua mente está atenta e, frequentemente de modo inconsciente, aberta a intuições. Vai receber e perceber uma que seja a resposta que procura. Percebe-a porque corresponde ao assunto em que está focado naquele momento.

– Espere um momento, diz Roberto. Acho que estou deixando escapar algo. Se intuição é um pensamento e este é uma criação de um ser pensante, então o cientista que a recebeu não vai fazer nenhuma descoberta, pois alguém já a fez antes.

– Sua conclusão é verdadeira, novamente. Falta aclarar quem detém esse conhecimento. Livros, anais científicos e outros meios estão repletos de ensinamentos que são parte do cabedal científico da humanidade. Mas, em nossa conversa, estamos interessados em saber como obter um conhecimento novo, que não está disponível em nenhuma dessas fontes.

Após pequena pausa, que lhe era característica, continuou:

– Precisamos fazer um pequeno exercício de lógica.

–“Lá vem Sherlock outra vez”, pensou Roberto.

O Velho notou um ar de desconfiança de Roberto, mas não deu importância.

– Estamos de acordo que o cientista, embora tenha chegado a uma resposta até aquele momento desconhecida da ciência, não fez realmente nenhuma descoberta. A resposta que ele “intuiu”, como se costuma dizer, foi captada por sua mente através de sua intuição enquanto buscava a resposta com muito interesse. Nova pausa e prosseguiu. Como afirmamos, intuição é um pensamento, e pensamento é uma coisa produzida por um ser pensante. Então chegamos à nossa conclusão: há pelo menos um alguém que detém o conhecimento buscado pelo cientista e lhe passou via intuição.

– Quem é esse alguém que transmitiu o pensamento ao cientista? E por que escolheu esse cientista e não outro? Já fiz uma pergunta parecida antes, disse Roberto.

– Certamente alguém inteligente, concordam? Nosso amigo cientista não foi escolhido. Entretanto, seu interesse e afinco na pesquisa criaram condições para receber e perceber a intuição, que aclarou sua dúvida. Há uma lei da natureza conhecida como Lei de Atração. Ele atraiu a resposta.

– ??????????

– Vejo em seus semblantes uma certa dúvida recheada de desconfiança. Ainda temos que descobrir quem produziu o pensamento-intuição. Que lhes parece pensar e repensar o que ouviram hoje e voltar na semana que vem?

O Velho levantou-se deixando claro que a reunião tinha chegado ao fim.

6. Existência do espírito. Evolução

Na semana seguinte passaram pelo armazém do Joaquim.

– Bom dia, seu Joaquim, saudou Roberto. Queremos um vinho para levar ao Velho. Como você conhece as preferências dele, favor escolher um.

– Bom dia, vejo que vocês estão gostando do Velho. Tenho um grande apreço por ele.

Adquiriram uma garrafa e partiram para a casa do Velho.

Ao chegar lá encontraram a porta aberta, como usual. Bateram palmas e entraram.

– Bom dia, Velho. Prazer em revê-lo. Aqui estamos novamente, com muitas dúvidas.

O Velho, que estava na cozinha, foi até a sala receber os visitantes.

– Bom dia. Sejam bem-vindos. Trocaram um aperto de mãos. Sentem-se e me deem um minuto. Tenho de terminar algo na cozinha.

Carlos sentou-se e Roberto foi até a estante. Havia livros sobre vários assuntos e em vários idiomas. “O Velho é culto e eclético”, pensou.

– Terminei de preparar o tempero para nosso almoço de hoje, disse o Velho voltando da cozinha. Vocês vão ficar, não vão?

– Vamos sim! respondeu Roberto sorrindo. Sobrevivemos ao almoço anterior, então não há perigo algum em repetir. Aliás, trouxemos um vinho. Está no embornal, no cavalo. Vou buscá-lo. E saiu.

O Velho sentou-se e observou Carlos, em silêncio.

– A sala está exatamente como na semana passada. Não deve haver muitas atividades nesta casa. Disse Carlos rompendo o silêncio, que o incomodava.

– Muito pouca. De vez em quando vem o Everaldo, que vocês já conhecem, e são raras outras visitas. Em geral vêm procurar solução para problemas de saúde. Acham que sou feiticeiro, pois já houve algumas curas.

– Aqui está o vinho do almoço, disse Roberto retornando e estendendo uma garrafa ao Velho. Escolha do Joaquim. E sentou-se.

– Obrigado.

O Velho levou o vinho à cozinha e retornou esfregando as mãos.

– Por onde começamos?

– São tantas as dúvidas. Deixamos a seu critério. Concorda Roberto? perguntou Carlos.

– Prefiro começar no ponto em que paramos na última vez. Refrescando a memória, um cientista recebeu, via intuição, um pensamento que lhe permitiu fazer uma descoberta, gerar um novo conhecimento. Alguém lhe transmitiu o pensamento. Alguém pensante e que detinha o conhecimento. Quem é esse alguém?

O Velho coçou a barba, pensou um pouco e respondeu com ares de desafio:

– Que lhes parece dizer que esse alguém é um espírito, ou um grupo deles?

– Espírito? Isso não existe, é fruto da ignorância, disse Roberto. Quem acredita nisso?

O Velho levantou-se. “Será que ele se ofendeu e já vai nos despedir?”, indagou-se Roberto.

Não despediu ninguém. Dirigiu-se à estante de livros, passou a mão na lombada de alguns deles.

– Quem acredita em espíritos? Que tal pesquisadores respeitáveis, alguns até agraciados com o Prêmio Nobel? Tenho alguns livros escritos por eles. Já olharam na minha estante? Aqui vão encontrar autores como William Crookes, descobridor dos raios catódicos; Albert de Rochas, foi diretor da afamada e respeitável École Polytechnique de Paris; Paul Gibier, doutor bacteriologista, fundador do Instituto Pasteur de Nova Iorque; Camille Flammarion, fundador da Sociedade Astronômica da França; Visconde de Saboia, Diretor Honorário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Fez uma pequena pausa e continuou olhando para seus livros.

– Querem mais? Aqui vão: Alfred Russel Wallace, coautor da teoria da evolução das espécies; Oliver Joseph Lodge, físico britânico, foi reitor da Universidade de Birmingham; Lord Rayleigh, notável físico, também britânico.

Outra pausa.

– Querem mais ainda? Voltou a olhar para os livros. Cito William James, um dos fundadores da psicologia moderna; Carl du Prel, filósofo alemão; Cesar Lombroso, fundador da escola italiana de criminologia positivista; e Ernesto Bozano, professor da filosofia da ciência na Universidade de Turim.

Voltando a sentar-se, o Velho aguardou a reação dos primos.

– Com tanta gente altamente qualificada afirmando a existência de espíritos, por que a ciência não os aceita? perguntou Roberto um pouco desconfiado.

– Não é a ciência, são os que trabalham em nome dela. Eles têm suas razões e uma delas – permitam-me ser um pouco maldoso – é que parece ser que se sentem incomodados em admitir a existência de seres mais inteligentes do que eles. O Velho sorriu.

– Seria tolice duvidar de tantos notáveis pesquisadores. Teriam todos eles, apesar de sua bagagem científica e experiência, se enganado? Admitamos, portanto, que existam espíritos. Onde eles estão? Onde vivem, se é que vivem? perguntou Roberto.

– De quê são feitos? Qual a sua essência? acrescentou Carlos.

Alisando a barba, como costumava fazer quando mergulhava em profundos pensamentos, o Velho respondeu:

– Para poder responder, é necessário antes olhar para o universo e entender sua estrutura e alguns fenômenos que nele ocorrem.

- O que o universo tem a ver com espíritos?
- Já concordamos em que espíritos existem. Se existem estão em algum lugar. Se há um lugar este deve estar em alguma parte do universo. Não podem estar fora dele, concordam?
- Devemos concordar, ou então explicar como é o exterior do universo. Se por universo entendemos a soma de tudo, espaço e tempo, ele deve conter seu próprio exterior. Que confusão! concluiu Carlos demonstrando certo desconforto.
- Vamos ter uma aula de astronomia? perguntou Roberto.
- Não será necessário, vocês já aprenderam na escola o que ela tem para ensinar. Vamos apenas fazer alguns comentários bem simples.

O Velho fez uma pequena pausa e continuou:

- A Astronomia nos ensina que os corpos celestes – planetas, estrelas, galáxias – estão em constante movimento. Sempre em torno de algum ponto. Lembremos que a Lua gira em torno da Terra, esta se move ao redor do Sol que, por sua vez, traslada-se com todos seus planetas em torno do centro galáctico. O movimento dos corpos celestes não é, portanto, retilíneo, é curvilíneo, descreve curvas. Consequentemente, é um movimento acelerado.
- Se é um movimento acelerado, há uma força por trás. Lembro-me das lições de Física, disse Carlos com indisfarçável orgulho.
- Se não é de astronomia, serão lições de física? perguntou Roberto.
- Também não vai ser necessário. Vamos fazer algumas ligeiras reflexões sem nos meter em assuntos especializados e complicados. Começemos com a afirmação de Carlos, acertada por sinal, nos lembrando de que onde há aceleração há uma força atuando. No universo há, portanto, forças em ação.
- A força gravitacional, interveio Carlos. É ela que determina o movimento dos astros.
- A Teoria Gravitacional de Einstein sugere que não há uma força gravitacional e que o movimento dos astros é devido a uma curvatura do espaço, objetou Roberto.
- Curvatura do espaço-tempo, e não do espaço, corrigiu o Velho. Contudo é ainda uma teoria e, como prometido, não vamos nos deixar distrair com complicações. Não temos necessidade disso para chegar onde queremos. Cofiou a barba e continuou. Além da força que movimenta os astros, notamos também a existência de matéria que compõe os astros. Os corpos celestes são formados de matéria. Concordam?
- Não há como discordar, disse Carlos.
- Podem ser rochosos ou gasosos, mas não deixam de ser matéria, completou Roberto.

– Pois bem, se pararmos para pensar um pouco, chegaremos à conclusão de que o universo é constituído de forças e matéria. São seus componentes básicos. Não vamos encontrar nada mais além deles.

– Não concordo, replicou Roberto. Sabemos que também há energia.

– Você tem razão. Energia e luz eu acrescentaria. Vou reformular minha afirmação. Forças e matéria são os elementos básicos da constituição do universo. Os fenômenos que se observam podem ser explicados em termos destes dois elementos. Por exemplo, energia é um efeito de uma força atuando sobre matéria. Não é, portanto, um elemento básico, é um efeito, repito. Quanto à luz, ela é resultado de vibrações e estas são provocadas por forças. Luz também é dotada de energia, energia oriunda da ação de uma força, a força eletromagnética.

– Aqui vamos nós apelar para a Física novamente, queixou-se Roberto.

– O que dissemos é tudo que nos interessa da Física neste momento, garantiu o Velho.

Depois de curta pausa, continuou:

– Concordamos, então, que os elementos básicos do universo são forças e matéria. Da ação das forças sobre matéria, atividade que é ininterrupta, nota-se no universo uma constante transformação. Não há repouso ou inatividade em nenhum ponto dessa imensidão. Tudo nele está constantemente se transformando. O universo nunca é o mesmo. Quando vocês chegaram, ele se encontrava em algum estado, neste momento encontra-se em outro, quando vocês se forem estará em ainda outro. Tudo se transforma continuamente. Se há algo constante no universo, esse algo é mudança, alguém já disse. A esse processo ininterrupto de transformações dá-se o nome de evolução.

O velho ajeitou-se na poltrona.

– As transformações ocorrem também com os átomos. Nenhum deles mantém sua forma eternamente. Há alguns que mantêm sua estrutura por apenas um par de horas.

– Tudo bem, disse Roberto impaciente. Contudo, o que tudo isto tem a ver com espíritos e o lugar onde estão?

– Tudo a ver. Não estão com fome? Eu estou. Vamos fazer um intervalo e almoçar? Estou ansioso para provar aquele vinho que trouxeram. Não esperou resposta, levantou-se e se dirigiu à cozinha.

Após o almoço, o cafezinho e arrumar a cozinha, voltaram à sala. Roberto dirigiu-se à estante e começou a ler os títulos. Notou que havia livros novos e alguns já bem usados.

– Alguns deles comprei em um sebo que costumo visitar quando vou à cidade. É um dos meus lugares favoritos. Sempre encontro um ou dois que me interessam. A maioria em boas condições, muitos com edições já esgotadas. Outros compro pela internet.

– Já tentou edições digitais que pode baixar em seu computador? Há muitos interessantes e gratuitos.

– Ainda prefiro a edição em papel. Gosto de sublinhar passagens que acho interessantes. Posso lê-los aqui mesmo confortavelmente acomodado nesta poltrona ou levá-los para ler na cama ou preguiçosamente esticado na rede na varanda.

Roberto voltou ao centro da sala e se sentou.

– Voltamos à questão dos espíritos, o que são e onde vivem? perguntou.

– Estou bastante curioso, acrescentou Carlos.

– Vamos voltar ao que concordamos até agora. Pusemo-nos de acordo em que os elementos básicos fundamentais na composição do universo são forças e matéria. Nada mais. O que observamos no universo são forças, matéria em vários graus de densidade e fenômenos produzidos pelas forças. As diferentes densidades de matéria definem categorias. A que constitui os corpos que nos são familiares se diz matéria densa. Às outras categorias se dá o nome genérico de matéria fluídica.

O Velho esperou alguma reação dos primos. Como se mantiveram apenas atentos continuou.

– Assim, tudo que existe deve ser, em consequência do que já concordamos, ou uma força ou matéria. Espírito existe, também já concordamos nesse ponto. Logo, espírito é uma força ou matéria.

– Certamente não é matéria, disse Roberto. Fica, então, respondida a pergunta “o que é o espírito?”. Espírito é força.

– Isso, isso, isso, concordou o Velho.

– Ainda ficou sem resposta a outra pergunta: onde ficam os espíritos? Andando por aí? Misturados conosco?

– Para encontrar a resposta, temos de voltar a falar sobre o universo, respondeu o Velho. Ele é constituído de forças e matéria. Deixemos de lado por enquanto as forças e concentremo-nos na matéria. Estamos acostumados a vê-la em vários estados, ou graus de densidade. A matéria que nos é palpável, a matéria densa, encontra-se nos estados sólido, líquido ou gasoso. A matéria nesses estados é formada por átomos e moléculas. Além desses três estados, há um quarto chamado plasma e identificado por William Crookes. Já mencionamos este pesquisador antes do almoço.

– É o plasma que temos no sangue? perguntou Carlos.

– Não, o plasma sanguíneo é plasma só no nome e é constituído principalmente de água. Encontramos plasmas nas lâmpadas fluorescentes, nos anúncios de néon e nas auroras boreais, por exemplo. Contudo uma parte respeitável da matéria observável no universo, estimada em mais de 90%, está nesse quarto estado.

– Matéria observável, como assim? Há matéria não observável? perguntou Roberto.

– Sim, e se estende por todo o universo. Ela não é diretamente observável por telescópios de qualquer tipo, sejam ópticos ou que captam radiações diversas. Mas, sabe-se que existe pelos efeitos que produz. Por não ser observável diretamente, é chamada matéria escura. Assunto instigante, mas não vamos deixar nos distrair por ele. Temos outro objetivo hoje.

Fez uma pequena pausa e continuou:

– A matéria existe em inumeráveis graus de densidade e se classifica em categorias, como dissemos. Essas categorias definem planos, dimensões ou mundos se preferirem.

– Inumeráveis dimensões? Não são quatro as dimensões do espaço? perguntou Carlos.

– Quatro são as dimensões do espaço-tempo, corrigiu pacientemente o Velho. Essa estrutura quadridimensional é central na formulação da Teoria da Relatividade de Einstein. O espaço físico, nosso familiar, tem apenas três dimensões.

– E quanto aos mundos? Não existe apenas um?

– O mundo a que estamos familiarizados é o mundo físico, de matéria densa, onde está inserida a Terra, o sistema solar, as galáxias, etc. Há muitos outros, os mundos astrais ou fluídicos, formados por matéria não densa, não organizada, de natureza fluídica.

Fez mais uma pausa.

– O universo tem inumeráveis dimensões, repito, planos definidos por também inumeráveis categorias de matéria. Em cada uma dessas dimensões há forças em ação, com objetivos específicos. Conhecemos algumas dessas forças e seus objetivos atuando no plano físico, este de três dimensões em que vivemos. Exemplificando, em linguagem simples, no plano físico conhecemos a força gravitacional, a eletromagnética, a nuclear e outras que não podemos descrever em termos familiares. E nem nos interessam agora.

– Acho que percebo onde quer chegar, arriscou Roberto. Posso dizer o que estou pensando?

– Esteja à vontade, respondeu o Velho. Vou aproveitar para molhar a garganta. E pegou um copo de água.

– Os elementos básicos do universo são forças e matéria. Esta se encontra em vários graus de densidade ou categorias, que definem planos ou mundos. Um desses planos é o físico e conhecemos algumas das forças que operam nele.

Fez uma pequena pausa para organizar os pensamentos e não perder o fio da meada.

– Espírito é força, portanto está atuando em matéria de algum dos inumeráveis planos do universo. Assim, concluiu orgulhosamente, encontramos a resposta às nossas perguntas: espírito é força e seu lugar é em algum desses planos.

– Eu não poderia dizer melhor, disse o Velho com um sorriso. Parabéns. Faltou apenas aclarar qual é o objetivo dessa força. Falaremos sobre isso em outra ocasião.

Roberto não escondeu sua satisfação, e Carlos sua surpresa com o primo.

– Podemos acrescentar que um dos planos em que atua um espírito é o plano físico, como o plano Terra. Aqui há espíritos em condições diversas, explicou o Velho.

– Que condições são essas?

– Entre nós há espíritos encarnados, isto é, animando um corpo físico como vocês, eu e todos habitantes da Terra, e espíritos desencarnados, sem corpo físico. São estas as duas condições em que podemos encontrar espíritos por aqui.

– Esses espíritos desencarnados já possuíram um corpo físico?

– Sim, muitos.

– Muitos? Um espírito pode ter vários corpos?

– Não ao mesmo tempo, respondeu o Velho levantando-se e estendendo as mãos em sinal de despedida. Continuemos em outra ocasião. Peço-lhes que não venham no próximo domingo. Tenho uma longa reunião com o Everaldo e não terei tempo para vocês.

– Está bem, voltaremos dentro de duas semanas.

E se despediram.

Durante o caminho de volta Roberto pergunta:

– Já que não viremos ver o Velho, qual o programa para o próximo domingo? Vamos pescar como costumávamos fazer?

– Talvez não. Há algum tempo que meu pai vem dizendo que gostaria de visitar a irmã. Vou sugerir que o faça no próximo domingo. Se ele concordar, estaremos em sua casa e poderemos jogar xadrez. O que você acha?

– Seria ótimo, já faz tempo que não lhe dou uma boa surra, e riu.

7. Interlúdio

Os pais de Roberto tinham uma loja de roupas que administravam com a ajuda de um rapaz e uma moça. Ambos estudavam à noite, exigência que a mãe de Roberto herdou do pai, o velho e incansável Teodomiro.

A casa onde Roberto e sua família moravam ficava convenientemente ao lado da loja. As paredes adornadas com pedras decorativas até meia altura e um pequeno jardim bem cuidado davam-lhe destaque entre as demais casas da vizinhança. Seu interior era

bastante confortável, com cômodos amplos arejados por janelas também amplas e que permitiam a entrada de muita luz ofertada pelo Sol.

Quando Carlos e seus pais chegaram, foram calorosamente recebidos com muitos abraços, sorrisos e palavras de Boas-Vindas. Todos se dirigiram à sala de visitas. Vendo todos acomodados, a mãe de Roberto foi preparar um cafezinho para acompanhar a conversa que traria novidades de ambos os lados da família.

– Beto, você quer esperar o café ou começamos já a partida de xadrez que combinamos na semana passada? perguntou Carlos dirigindo-se a Roberto.

– Não faço questão de café. Vocês me dão licença? solicitou Roberto ao pai e tios.

– Vá com Carlos, nossa conversa não vai ser interessante para você, respondeu o pai. Além disso, você não vai nos fazer falta, acrescentou rindo.

Os dois primos foram para uma sala que também servia de escritório da loja. Carlos arrumou as peças no tabuleiro, tomando cuidado em deixar a casinha branca do lado direito.

– Algumas pessoas não se importam com este detalhe, mas é importante, disse Carlos. Além disso, é como manda o regulamento. Você quer jogar com as pretas ou as brancas?

– Vou começar com as pretas. Quero enfrentar os ataques desse Bob Fischer brasileiro.

– Prepare-se para perder. E fez a jogada Peão 4 Dama.

– Abertura do Peão da Dama. Vejo que você quer um jogo não violento. Vamos lá.

Os dois se concentraram no jogo em silêncio. Ouvia-se uma conversa animada na sala, mas não os perturbava. Parecia que o mundo havia colapsado nas 64 casinhas.

A partida se desenvolvia lentamente. Cada movimento exigia muito cuidado, “peça tocada, peça jogada” impunha o regulamento.

A certa altura do jogo, com indisfarçável alegria Roberto exclama:

– Xeque-mate!

Carlos avaliou sua posição e derrubou seu Rei, como costumam fazer alguns jogadores de xadrez quando se dão por vencidos.

– Parabéns, sua defesa foi muito boa. Não abriu espaço para meus ataques.

– Você sabia que ‘cheque-mate’ deriva da expressão persa ‘Shah Mat’, que significa ‘o rei está morto’?

– Não, não sabia.

- Agora já sabe. Quer uma revanche?
- Fazemos um intervalo? A figura do Velho não me sai da cabeça.
- É desculpa para sua derrota?
- Não, você venceu porque não me deu chance de organizar meu ataque.
- Devo confessar que também tenho pensado muito no comportamento do Velho. Ele ainda não respondeu várias perguntas que lhe fizemos. Sempre desvia o assunto e nos conduz por outros caminhos. Isto me deixa intrigado.
- Mas tem sido interessante, concorda? Tenho a impressão de que ele preparava terreno para depois voltar ao assunto.
- Preparando terreno ou nós?
- Talvez ambos.

Os primos se entreolharam confusos.

- Notou como ele repete a mesma coisa várias vezes? Será intencional? perguntou Carlos.
- Pode ser, pois são conceitos novos. Ou maneira diferente de ver as coisas.
- Você entendeu aquele assunto das dimensões, ou planos, do universo? Teria algo a ver com os tais de universos paralelos?
- Não me lembro onde li que a ideia de universos paralelos é produto de uma mente em estado avançado de demência. É uma afirmação maldosa, concordo. Talvez a fonte não fosse confiável. De qualquer maneira o Velho sempre se referiu a um e um só universo.
- Ele também falou que, em cada uma das dimensões do universo, há forças em ação com objetivos específicos. Você entendeu?
- Bem lembrado. Também não entendi. No próximo domingo vamos pedir-lhe que nos explique. E agora, uma revanche?

Roberto preparou o tabuleiro.

- Agora jogo com as negras, disse Carlos.
- Vamos lá, Peão 4 Rei.
- Peão 4 Rei, jogou Carlos. Para quê é essa reunião do Velho com o Everaldo hoje? Carlos perguntou desviando o olhar do tabuleiro.
- Não seja xereta! Roberto sorriu e completou: Também estou curioso. Acho o Everaldo uma pessoa estranha. Voltou a se concentrar no tabuleiro e o mundo apagou-se novamente.

O tempo passou. As peças se moviam lentamente no tabuleiro procurando, cada uma, sua melhor posição para enfrentar o futuro.

– Meninos, uma voz veio da sala reanimando o mundo adormecido. Já estamos de saída.

– Já?

– Sim, vocês estão aí há horas e não queremos pegar estrada de noite.

– Continuamos nosso jogo na próxima vez, diz Roberto em tom de despedida.

– Podemos prosseguir pela internet. Anote as posições.

Todos se despediram com novas trocas de abraços e apertos de mãos.

8. Evolução da Força

Os primos chegaram um pouco mais tarde na casa do Velho, mas a tempo de ver uma mulher saindo. “Eu digo a ele”, disse ao Velho que a acompanhou até a varanda, e se dirigiu à charrete que a aguardava. Passou pelos primos, olhou-os rapidamente e partiu.

– Bom dia, Velho. Disseram os primos tirando o chapéu e estendendo a mão.

– Entrem e se acomodem. E se dirigiu à cozinha para lavar as xícaras de café que havia usado com a mulher que acabava de sair. É a esposa do Everaldo, explicou o Velho.

Os primos se acomodaram. Havia alguns livros novos na escrivaninha.

– Vejo que adquiriu mais alguns livros.

– Foi o Everaldo que me enviou, disse o Velho retornando à sala, acabo de recebê-los. O que temos para hoje?

– Ficaram algumas dúvidas da última reunião quando você falou sobre os espíritos.

– Vamos a elas. Mas antes devo deixar claro que, embora todo espírito seja uma força, nem todas as forças são espíritos. Este importante detalhe ficará claro mais tarde.

– Você disse que nas diversas categorias de matéria atuam forças com objetivos específicos. Poderia nos dar mais detalhes?

– Novamente temos de voltar a discutir nosso universo, aliás, o universo – enfatizou o ‘o’, pois para ele havia um só. Compreendendo-o teremos melhores condições para aclarar suas dúvidas. Sabendo o que acontece no universo saberemos o que acontece aqui.

– O que está em cima é como o que está embaixo. Não foi Hermes Trismegisto que afirmou isso? perguntou Roberto.

– Sim, é a Lei da Correspondência. Está na Tábua de Esmeralda, reproduzida na obra *Corpus Hermeticum*. Há um exemplar ali mesmo em minha estante. Hermes se referia

ao macro e ao microcosmo. Essa lei diz ainda que “O que está dentro é como o que está fora”. Esta parte da lei ainda não consegui entender. Quem sabe vocês não queiram pensar sobre ela? E advertiu: mais tarde e em outro lugar porque estamos nos desviando do nosso assunto.

Fez uma pequena pausa e continuou:

- Os diversos planos, como já dissemos, são definidos pelas diferentes densidades em que a matéria existe. A classe de força que atua depende da densidade, ou categoria, da matéria. Em planos diferentes atuam forças diferentes.
- Como uma força se diferencia de outra?
- Pela sua forma de vibrar.
- As forças estão vibrando?
- Constantemente. É uma característica intrínseca delas. Conforme seu estado vibracional há matéria na densidade adequada para sua ação. Essa densidade de matéria define, portanto, um campo de manifestação da força. Em resumo, cada força está atuando em um determinado e apropriado campo.
- Apropriado como?
- O universo está em constante transformação, em evolução, já discutimos isso. É uma lei universal, chamada Lei da Evolução e talvez seja a mais importante das leis conhecidas. Ela rege todo o universo. A força é parte do universo, portanto também está sujeita a essa lei, isto é, está em constante evolução.
- Como uma força evolui? perguntou Carlos.
- Atuando em matéria de diversas categorias, desde a de maior densidade – matéria densa – até as de densidades mais tênues – matéria fluídica.
- Então cada força tem um lugar fixo no universo?
- Para sempre, não. Voltemos ao que aprendemos sobre o universo. Repito: Se soubermos olhar, nele encontraremos respostas para nossas perguntas. Após uma breve pausa continuou: o universo está em constante modificação, transformando-se a todo instante. A estas alterações dá-se o nome de evolução. Evolução significa, portanto, transformação.
- Se o universo está se transformando e se forças e matéria são seus constituintes, então forças e matéria também estão se transformando. Elementar meu caro Watson, disse Roberto sorrindo por arremedar o Velho.
- Isso, isso, isso. Primeiramente devemos entender o que significa evolução da força, depois voltamos à matéria. Fechou os olhos e alisou a barba como costumava fazer quando se preparava para dar explicações. As forças estão vibrando constantemente, já

dissemos isso. Elas se diferenciam umas das outras pelo seu estado vibratório, isto é, pela maneira como vibram. Algumas vibrações são mais sofisticadas do que outras. Evolução da força significa enriquecimento de seus modos de vibração. Poderíamos classificar as forças pelos seus modos vibracionais. Quanto mais variedades de maneiras em que podem vibrar, mais evoluídas são.

– Esse assunto de modos de vibração me deixa confuso. Poderia nos explicar o que são? pediu Carlos.

– Vou tentar. Imaginemos uma vara vibrando, digamos da esquerda para a direita. Outra vara pode estar vibrando da esquerda para a direita e, ao mesmo tempo, para frente e para trás. Uma terceira está vibrando da esquerda para a direita, para frente e para trás e diagonalmente. A segunda vara é mais rica em variedade de vibrações do que a primeira; a terceira é mais rica do que as duas anteriores.

– Ficou claro, há três maneiras de uma vara vibrar: da esquerda para a direita, para frente e para trás e diagonalmente.

– Na verdade há infinitas maneiras, corrigiu o Velho.

– Como assim?

O Velho foi até sua escrivaninha, apanhou uma folha de papel e um lápis, e voltou à sua poltrona. Na folha desenhou uma reta na direção esquerda-direita.

– Este desenho representa o movimento vibratório da primeira vara. Desenhou outra reta de norte a sul cortando a primeira no meio. Estas duas retas representam as vibrações da segunda vara. E olhou para os primos para ver se estavam acompanhando. Como vocês acham que devo desenhar uma terceira reta passando pelo ponto em que as outras duas se cortam?

– Você disse diagonalmente.

– Disse mesmo. Essa diagonal pode ser desenhada de duas formas: nas direções nordeste-sudoeste e noroeste-sudeste, concordam? perguntou traçando as duas novas retas. Não esperou resposta e desenhou muitas diagonais diferentes passando pelo mesmo ponto. Posso desenhar infinitas delas, cada novo desenho representando as vibrações de uma vara diferente das anteriores.

– Agora ficou claro, vejo que há infinitas formas disponíveis para uma vara vibrar.

– Muito bem! Neste nosso modelo rudimentar, a vara representa matéria vibrando sob a ação de uma força. Uma vara não pode vibrar por si mesma. Não há vibração que não seja provocada por uma força. A força precisa dessa vara para manifestar sua vibração. Cada um dos diversos desenhos que fizemos representa, simbolicamente, uma categoria de matéria disponível para atuação e evolução da força.

– Entendi, diz Roberto. Se evolução da força significa enriquecer seus modos de vibração, para processar sua evolução ela tem de atuar em diversas varas, digo, matérias de categoria adequada.

– Em resumo, disse o Velho, a força evolui atuando em matéria de categoria apropriada. Passo a passo, gradualmente, de matéria em matéria vai se enriquecendo, vai desenvolvendo mais habilidades vibracionais. Essas habilidades chamam-se atributos da força.

– Estávamos falando de espíritos e acabamos com varas! disse rindo Carlos. O que tem um espírito a ver com varas?

– Nada e tudo. Nada se você estiver pensando em uma vara comum. Tudo se se lembrar de que a vara, em nosso modelo, está representando matéria em que atuam forças. Estas evoluem atuando em matéria apropriada, como dissemos. Cada nova maneira de vibrar que se soma às anteriores é uma nova capacidade, um novo atributo que a força desenvolve.

Notando que os primos ainda tinham dúvidas, decidiu recorrer a outro exemplo.

– Imaginem uma pessoa que vai a uma academia com o propósito de desenvolver seus músculos. Se deseja fortalecer os bíceps, vai utilizar o aparelho adequado para exercitar braços. Se a intenção é desenvolver músculos da perna, vai procurar outros aparelhos apropriados para esse fim. Na academia há aparelhos adequados a cada necessidade da pessoa. Em nosso novo modelo, substituam academia por universo, aparelhos por categorias de matéria, e músculos por atributos da força e terão uma ideia melhor do que estou tentando dizer.

– Agora ficou mais claro. No universo há categorias de matérias adequadas a cada atributo que a força necessita desenvolver, disse Roberto. Por que não começou com este modelo antes? Varas, eu e meu primo usamos para pescar, concluiu rindo.

– Como o número de aparelhos disponíveis nas academias é limitado, o modelo nos dá a falsa impressão de que também são limitadas as categorias de matéria, explicou o Velho.

Aguardou um momento e continuou:

– Quando desenvolver atributos necessários e suficientes, a força passa a ser chamada de espírito. Pensem nesse processo.

– E a matéria? Como ela evolui? perguntou Carlos.

– Já concordamos antes em que evolução é transformação. A matéria está constantemente se transformando, tomando formas, se amoldando sob a ação de forças. É assim que devemos entender a evolução da matéria. Essas transformações se dão por agregação e desagregação de outras matérias.

O Velho levantou-se, estendeu as mãos e finalizou:

– Na próxima vez vamos falar da evolução do espírito.

9. Evolução do espírito

– Na semana passada, começou Roberto naquela manhã, você disse que uma força vai se enriquecendo de atributos à medida que atua em matérias de categoria apropriada até atingir um ponto em que é chamada de espírito. É isso mesmo?

– Isso, isso, isso.

– Então, o que era um espírito antes de ser espírito?

– O que ele sempre foi e será: uma força em evolução.

– A força de gravidade será um dia um espírito? Difícil de acreditar.

– Em nossas conversas, o verbo acreditar não tem feito nem fará parte do vocabulário que usamos. As conclusões a que chegarmos devem ser e serão sempre resultados obtidos pelo uso acertado da razão.

– Eu não me contentaria com outro caminho.

– Nem eu, acrescentou Carlos, que ouvia calado.

– Percebi isto já na primeira visita de vocês. Por este motivo decidi voltar a recebê-los, disse o Velho muito sério. Sou aposentado, como vocês já devem ter percebido. Tenho muito tempo disponível, mas não gosto de desperdiçá-lo.

Os primos se sentiram lisonjeados.

– Obrigado, disse Roberto. Voltamos à força de gravidade? Vai ser um espírito algum dia?

– A força de gravidade, como tratada pela ciência, não existe. Portanto, sua pergunta não tem sentido.

– Como que não existe? Como explicar a queda de um objeto? Não vai me dizer que é adepto da teoria de Aristóteles, que explicava a queda de um objeto dizendo que o chão é o lugar natural para ele ficar. Assim como o mar é o lugar natural da água dos rios. Por isso flui para lá.

– E as alturas são o lugar natural da fumaça, acrescentou Carlos demonstrando com orgulho que também conhecia a teoria aristotélica.

– Nem Aristóteles nem Newton ou mesmo Einstein. Explicar a força de gravidade continua sendo um mistério para os cientistas. Eles sabem como descrever quantitativamente sua ação, mas não sabem explicar como opera. Como já dissemos em uma de suas visitas, Einstein negava a existência de uma força de gravidade. Explicava

a gravitação como efeito da curvatura do espaço-tempo. Tenho ideias pessoais sobre o mecanismo da atração gravitacional ou eletromagnética. Mas não vamos entrar neste assunto, pois nos desviaríamos muito daquilo em que estamos interessados hoje.

– Certo, voltemos à evolução do espírito.

– Vou dizer mais uma vez, por ser importante para compreender o processo de evolução de uma força, que ela vai se enriquecendo de atributos atuando em matérias de categorias diferentes e apropriadas. Nesse processo produz transformações sucessivas da matéria. Podemos, então, falar de uma trajetória evolutiva da força, o caminho que percorre pelos diversos planos. Esses planos são campos em que a força se manifesta. No planeta Terra identificam-se alguns desses planos, chamados de reinos da natureza: o reino mineral, o vegetal, o animal e o hominal. Muito provavelmente estes planos existem em milhões de outros planetas que rolam no espaço sideral.

– Se não me falha a memória, foi Aristóteles que cunhou o termo hominal, disse Roberto.

– Aparentemente sim. Não tenho conhecimento de outro filósofo que tenha usado esse termo antes dele.

Após pequena pausa continuou:

– O que vou dizer a seguir requer muita atenção e disposição para raciocinar. Fez uma pausa e continuou. O espírito é uma força com atributos que desenvolveu ao longo de uma longa trajetória pelos reinos da natureza. Uma força já traz em potencial todos os atributos que se manifestarão mais adiante na condição de espírito. O mesmo acontece com uma semente, que traz intrinsecamente potencialidades para se tornar uma árvore frutífera. Precisa apenas de condições para se desenvolver. Isto significa que às forças está associado um princípio que orienta seu processo evolutivo, um princípio inteligente governado por uma lei universal chamada Lei da Evolução. Já falei sobre essa lei e disse que no universo tudo está evoluindo, não disse?

– Sim, já disse, responderam ao mesmo tempo os primos.

– Pois bem, no reino mineral é este princípio inteligente que determina as ações entre átomos e moléculas na estrutura dos minérios, por exemplo. Podemos chamar de químico-mecânicos os atributos em desenvolvimento nesta fase da evolução da força.

Depois de nova pequena pausa, prosseguiu:

– A próxima etapa evolutiva se cumpre no reino vegetal onde a força encontra estruturas mais elaboradas para externar e desenvolver atributos mais sofisticados. É nele que se manifesta o atributo responsável pela vida orgânica. Os corpos em que a força atua nesse reino são inertes, como todos os corpos, mas providos de vitalidade, oriunda da ação da força. Em algumas espécies de vegetal já se notam reações a estímulos, caracterizando a faculdade de sensibilidade em sua forma mais primitiva.

– E no reino animal? perguntou Roberto.

– Os corpos dos animais também são constituídos de matéria inerte, dotados de vitalidade. Nas forças que atuam nesses corpos já se nota uma espécie de inteligência, instintiva, limitada, não racional. A possibilidade de locomoção, que se nota neste reino, oferece mais recursos para a evolução da força. Dentre as várias qualidades que se manifestam a partir do estágio nesse reino, notam-se em alguns animais coragem, lealdade e gratidão.

– Notei isso no Caçador. Lembra-se dele? perguntou Carlos.

– Sim, veio com vocês na primeira visita.

– Observando o comportamento dos animais fica-se com a impressão de que fazem o que querem. O livre-arbítrio é uma das qualidades que se manifestam no reino animal? perguntou Roberto.

– Não, os animais não têm livre-arbítrio. Seu comportamento é determinado pelo instinto. Fechou os olhos e continuou. Lembrei-me de uma pequena história que posso contar a vocês. Querem ouvir?

– Vamos a ela, disse Carlos.

– Um monge e seu discípulo iam caminhando por uma estrada quando viram um escorpião se debatendo nas águas de um pequeno lago. O monge estendeu a mão e o escorpião agarrou-se a ela. Ao colocar o animal em solo seco, o monge foi picado. ‘Vamos matar este ingrato.’, disse o discípulo. ‘Não, respondeu o monge, ele não tem culpa. Apenas seguiu seu instinto.’

– É verdade que o instinto prevalece na maioria dos animais, continuou o Velho. Notemos, porém, que alguns, geralmente os domesticáveis como cães e cavalos, agem com vontade determinada. É racionalidade se manifestando neles, embora de forma bastante limitada.

E levantou-se.

– É tudo por hoje? perguntou Roberto lembrando-se dos hábitos do Velho.

– Não, ainda tem mais. Quero esticar um pouco as pernas. Vocês deveriam fazer o mesmo, é bom para a circulação do sangue.

Após algumas voltas pela sala, voltou a sentar-se.

– Para que a força faça jus ao livre-arbítrio é necessário antes que desabroche nela a razão. É no reino hominal que isto acontece de forma mais contundente. Sem a razão e o livre-arbítrio a força não pode ser responsabilizada pelos seus atos. O escorpião não tem culpa pelo que fez na historinha que contei. Nenhum animal pode ser penalizado por eventual dano que cause. Por ser racional e ter a faculdade do livre-arbítrio, o homem passa a ser responsável pelos seus atos e escolhas.

– É razoável o que diz. Estamos partindo para o reino hominal? perguntou Carlos.

– Ainda não, primeiro precisamos almoçar, respondeu o Velho e levantou-se.

Como nas vezes anteriores, o almoço decorreu acompanhado de conversas amenas, descomprometidas, em clima de amizade já a nível familiar.

Derrotada a fome, arrumaram a cozinha e voltaram à sala.

– Onde paramos? perguntou o Velho e respondeu imediatamente: no reino hominal.

– Sim, evolução da força no reino hominal.

– Quando a força já externou e manifestou todos atributos que lhe cabe desenvolver nos reinos anteriores, ela passa a ser chamada de espírito. Como dissemos antes, todo espírito é força, mas nem toda força é espírito. Este passou antes pelos reinos anteriores até chegar ao hominal, na condição simples de força. O espírito tem em potencial novos atributos que estão prontos para serem desenvolvidos e aprimorados.

– Tais como?

– A faculdade mais lembrada do ser humano é sua capacidade de raciocinar. O homem não é chamado de animal racional? É esperado dele que aprimore esta capacidade, que aprenda como raciocinar, e raciocinar com acerto. Há outras faculdades que mencionaremos mais tarde. E continuou: os corpos em que atua o espírito também são inertes, são os corpos humanos. Sem a presença de um espírito atuando nele, o corpo é totalmente inativo, é um corpo morto.

– O corpo de um homem dormindo ou em estado letárgico também está inativo, disse Carlos. O espírito deixou de atuar nele?

– Mas não é um morto, interfere Roberto. Quer esteja dormindo, em estado letárgico ou mesmo cataléptico suas funções orgânicas continuam ativas. Ele respira, o coração bate, etc.

– Funções orgânicas que a força desenvolveu nos reinos anteriores. Deixam de estar em atividade somente quando o corpo morre. É quando o espírito se afasta e abandona completamente o corpo em que vinha atuando.

– Se afasta você disse. Como assim? Para onde ele vai?

– Calminha, disse o Velho com sua habitual informalidade. Estamos indo muito rápido. Um poeta-místico persa, referindo-se à morte, resumiu tudo que dissemos até agora nestes versos:

“Morri como mineral e me tornei vegetal;

morri como vegetal e me tornei animal;

morri como animal e me tornei homem.

Por que deveria temer [a morte]? Quando foi que me tornei menos morrendo?"

– Quem foi esse poeta? perguntou Roberto.

– Chamava-se Jalalu Rumi e viveu no século XIII, de 1207 a 1273.

– Nestes versos, Rumi demonstra que já sabia o que você nos disse hoje sobre a caminhada das forças pelos reinos da natureza. Onde ele aprendeu estas coisas? perguntou Roberto.

– Não sei, mas é bastante provável que a fonte esteja perdida nas profundezas escuras do tempo. Alguém já disse que não há nada novo na face da Terra. De tempos em tempos muitos conhecimentos perdidos ou esquecidos emergem e se revelam novamente. Voltando ao poeta, ele imagina que, quando morrer, se tornará algo mais do que era.

– O que mais ele poderia ser? perguntou Roberto. Continuará sendo um espírito. Estou errado?

– Não, não está errado! concordou o Velho. Contudo você está se esquecendo de um detalhe que já foi discutido aqui. A força está em constante e permanente evolução, assim, mesmo após a morte, essa evolução continua.

– Continua como? perguntou Carlos.

– Também são dele os versos seguintes. Eles falam sobre o que já discutimos e vão mais além. Neles encontramos a resposta à sua pergunta. Poderemos entender melhor o que o poeta disse quando continuarmos nossa viagem pelo reino hominal.

“Desde que chegaste ao mundo do ser,

uma escada foi posta diante de ti, para que escapasses.

Primeiro foste mineral,

depois te tornaste planta,

e mais tarde, animal.

Como pode isto ser segredo para ti?

Finalmente foste feito homem,

com conhecimento, razão e fé.

Contempla teu corpo – um punhado de pó – vê qual perfeito se tornou!

Quando tiveres cumprido tua jornada, decerto hás de regressar como anjo;

depois disso, terás terminado de vez com a Terra

e tua estação há de ser o céu.”

Via-se emoção no semblante do Velho. Levantou-se, estendeu as mãos e propôs:

– Antes de continuarmos, sugiro que vocês digiram o que foi dito hoje. Na próxima vez vamos explorar um pouco mais o reino animal antes de continuarmos pelo hominal, e acrescentou: O Everaldo gostaria de participar de nossas reuniões. O que vocês acham?

– Nada a opor, disse Roberto. Você concorda, Carlos?

– Por que não? E agradeço ter nos consultado.

E despediram-se.

10. Reino animal

– “A natureza não dá saltos”, disse o Velho logo no começo da reunião dominical. Este princípio foi enunciado pelo filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, nascido em 1646 e morto em 1716. É conhecido como princípio da continuidade. Foi mencionado por Darwin na formulação da sua teoria da evolução das espécies. O próprio Leibniz invocou o princípio ao desenvolver o cálculo infinitesimal, ou seja, o cálculo diferencial e integral.

– Não foi Newton que inventou esse cálculo? perguntou Roberto.

– O fato é que ambos apresentaram ao mesmo tempo seu invento, ou seria descoberta? insinuou piscando um olho. Até hoje ainda há discussões sobre a quem atribuir a paternidade do cálculo infinitesimal. Não vamos nos meter nesse assunto, que foge à natureza e interesse de nossas reuniões.

– E como o princípio da continuidade se encaixa nas nossas discussões?

– De uma forma central e significativa, como vocês verão. Recordemos o que já foi dito sobre evolução e os reinos da natureza.

Fez uma pausa, cofiou vagarosamente a barba como costumava fazer quando estava organizando seus pensamentos.

– Raciocinemos: Os elementos fundamentais do universo são força e matéria. A força, assim como o universo, está em constante evolução. A evolução da força ocorre com a ação dela sobre campos de matéria de categoria adequada. São os campos de manifestação de forças. Estão acompanhando?

– Sim, pode prosseguir.

– Antes de chegar ao estágio em que é classificada como espírito, a força deve percorrer os reinos da natureza. Já tocamos nesse assunto. Em cada etapa manifesta e desenvolve atributos específicos. Não desenvolve nenhum novo atributo antes de estar preparada para isso, “A natureza não dá saltos”, como asseverou Leibniz.

- O que você quer dizer com “estar preparada”? Quem a prepara?
- Vou tentar aclarar com um exemplo simples. A força não pode manifestar a faculdade de locomoção sem antes ter desenvolvido a da vitalidade. A vitalidade já se manifesta plenamente no reino vegetal. Sem a vitalidade, um animal não pode se locomover.
- Ficou claro. Mas quem a preparou?
- Não se trata de quem e, sim, de o quê? E vocês já sabem a resposta.
- Eu não sei. Você sabe, Roberto?
- O Velho está se referindo, creio eu, à Lei da Evolução. É sob o comando dela que as etapas evolutivas da força são determinadas e organizadas.
- Isso, isso, isso, e eu acrescentaria mais uma lei universal: a Lei da Causa e Efeito. É esta lei que nos faz entender por que nada acontece por acaso. Já falamos sobre o acaso algumas semanas atrás. É em consequência dessa lei que os atributos desenvolvidos por uma força nas etapas de seu processo evolutivo vão estar presentes e contribuir nas etapas posteriores.

O Velho fez uma pausa para que os primos assimilassem o que tinha acabado de dizer.

- Acho que entendi, disse Roberto após alguns minutos. A Lei da Evolução conduz a força a condições em que possa se enriquecer de mais atributos, e a Lei de Causa e Efeito vai determinar quais são esses atributos, pois vão depender do que aconteceu na etapa anterior.

O Velho demonstrou que concordava com o comentário de Roberto.

- Muito bem, primo! disse Carlos com admiração.
- Vamos, agora, invocar Lavoisier, considerado o fundador da Química Moderna. Viveu de 1743 a 1794, portanto, depois de Leibniz. Ele disse que na natureza “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, e para isso é necessário tempo. Vocês devem ter ouvido falar de Lavoisier na escola.
- Sim, já ouvimos falar dele, concordou Roberto. Mas o que ele tem a ver com o assunto de hoje?
- Seu ensinamento vai preencher uma lacuna em nossa conversa da semana passada. Para não complicar, vamos ater-nos apenas aos reinos vegetal e animal. Em ambos ocorre o fenômeno da morte, que permite à força atuar em espécies diferentes de vegetais ou animais dependendo do reino em que está mergulhada.
- O que faltou dizer? perguntou Carlos.
- Não nos perguntamos o que ocorre, após a morte, com a matéria que constituiu o corpo do animal ou do vegetal.

– É verdade! O que acontece?

– Lembremos de que a força atua em matéria de categoria adequada para levar adiante a etapa de sua trajetória evolutiva, dando-lhe vida, atributo adquirido no reino vegetal. É a ausência da força que leva à morte. A matéria em que a força atuava retorna ao campo de manifestação da categoria a que pertence, e será útil para outras forças comporem corpos. A matéria não se perde, passa por transformações, como decomposição, desagregação e outras, que a levam de volta à sua origem, ou seja ao seu campo.

– Agora estou conectando alguns elos da nossa conversa de hoje. As transformações a que se refere Lavoisier não ocorrem ao acaso, repentinamente. Uma força que ainda atua em um átomo não pode, de repente, passar a animar um corpo humano, transformar-se em um espírito. É necessário passar por vários estágios para que transformações intermediárias ocorram, a natureza não dá saltos e nela nada se perde. E completou rindo: Leibniz e Lavoisier andando de mãos dadas.

– De mãos dadas em todos os reinos da natureza, acrescentou alegremente Carlos.

O Velho sorriu e continuou:

– Voltando às forças, quando uma se manifesta e desenvolve um atributo, ela está se transformando, ou evoluindo como já dissemos antes quando tratamos da evolução do universo. Observando os animais, notamos diferenças comportamentais. Como mencionamos na semana passada, alguns deles demonstram coragem, lealdade e gratidão e outros não. Estas características são adicionadas à força por meio de atuações dela em diversas espécies.

– Pode explicar melhor? pediu Carlos.

– Vamos fazer uma pequena divagação. Suponhamos que uma força atuante no reino animal chegou a uma situação em que a coragem deve se manifestar. Naturalmente a força não vai atuar em um passarinho. O animal mais adequado seria um leão, por exemplo. Se está preparada para desenvolver a gratidão, não vai atuar no corpo de um escorpião. Lembram-se da historinha dos monges que contei?

– Se entendi bem, a força atua em diversos animais antes de evoluir à condição de espírito. É isso mesmo?

– Você entendeu corretamente, um animal de cada vez.

– Em todo tipo de animal?

– Não, há uma linha de ação que determina onde chegar. Ainda não sabemos qual é a trajetória, ou melhor dito, trajetórias, pois são objetivos diferentes a serem alcançados. Contudo, não são aleatórias. Nada acontece por acaso. Toda força tem um papel a desempenhar no universo, com um objetivo definido pela Lei da Evolução.

O Velho levantou-se e se dirigiu à cozinha. Os primos já sabiam o que isso significava; levantaram-se e seguiram-no.

Durante o almoço, o Velho notou que alguma coisa incomodava os primos. Mas não fez nenhum comentário. “Hora de almoçar, é hora de almoçar”, era a filosofia do Velho, e ele a seguia ao pé da letra. Conversas, somente sobre assuntos leves, descomprometidos.

– Notei que estavam preocupados com alguma coisa, disse o Velho quando já estavam todos acomodados novamente na sala.

– É verdade, há uma coisa que fiquei ruminando durante todo o almoço, disse Roberto.

– E o que seria?

– O que acontece com a força que atua sobre um animal após a morte deste? Entendi que passa a atuar em outro animal?

– Não imediatamente. Fica esperando uma oportunidade.

– E onde fica esperando?

– Após a morte de um animal, a força se desprende do corpo dele e permanece na atmosfera fluídica da Terra até haver condições para atuar em outro corpo.

Notava-se que Roberto estava inquieto .

– Agora você foi rápido demais. Falou em atmosfera fluídica da Terra e sobre haver condições para atuar em outro corpo. O que é essa atmosfera fluídica da Terra? É nossa atmosfera gasosa? Com relação às condições para atuar em outro corpo, quem ou o que as determina?

– Começamos aclarando que a atmosfera fluídica da Terra não é a atmosfera gasosa que envolve o planeta. Concordo com você, fui rápido demais. Eu deveria dividir minha explicação em duas partes. Vamos, então, à primeira dúvida: o que é a atmosfera fluídica da Terra.

Ficou em silêncio por algum tempo, organizando o pensamento.

– Em outra ocasião vimos que no plano físico a matéria se encontra nos estados sólido, líquido, gasoso ou plasmático. Classificamos essa matéria como densa. Mencionamos, também, que no universo há outros planos além do físico, os chamados planos fluídicos. Todos eles, inclusive o físico, se interpenetram e em todos há forças atuando sobre matéria neles disponível. Nos planos astrais a matéria se encontra em um estado chamado fluídico. Não é uma matéria organizada em átomos, moléculas ou íons, mas envolve e penetra todos os corpos celestes formando o que se chama atmosfera fluídica. A atmosfera gasosa da Terra teve sua origem na sua atmosfera fluídica.

– Pelo que entendi, e só para ficar no sistema solar, os outros planetas também têm uma atmosfera fluídica...

– Isso, isso, isso.

– ... e essa atmosfera fluídica pode estar dando origem a uma atmosfera gasosa.

– Possivelmente também está correto. Até onde se sabe, em nenhum deles ainda há uma atmosfera que ofereça condições para o surgimento de vida. O planeta Terra teve de esperar milhões de anos. Sua atmosfera gasosa era composta primitivamente de gases venenosos. A viabilidade da vida animal ocorreu com o surgimento dos oceanos e das plantas marinhas com o processo de fotossíntese. Esse processo mudou radicalmente a condição anterior adversa ao surgimento da vida.

Num tom que demonstrava admiração, Carlos perguntou:

– Onde você aprendeu tudo isso e as coisas que nos vem dizendo?

O Velho não se perturbou com a interrupção. Sem demonstrar orgulho, vaidade ou qualquer outro sentimento, respondeu:

– Frequentei a escola até o nível que penso ser agora chamado de Ensino Médio. É isso mesmo? Não esperou resposta e continuou. Depois, por razões diversas, não pude avançar para níveis superiores. Assim como seu avô Teodomiro, também sou um autodidata. Já viram minha minibiblioteca. Ali se encontra uma riqueza fascinante de informação.

– Deve valer uma fortuna.

– Seu valor é inestimável, não pode ser expresso com um cifrão seguido de algarismos.

Com sua habitual impaciência, Roberto interrompeu:

– Muito bem, já sabemos onde fica a força que atua em um animal assim que ele morre. Fica na atmosfera fluídica da Terra aguardando condições para atuar em outro corpo. Fez pequena pausa e continuou. Voltando à pergunta que já foi feita, quem ou o quê determina essas condições?

O Velho sorriu.

– Ia justamente falar sobre isso quando fui interrompido. Mas, não estou reclamando, interrupções podem ser interessantes. Fez uma pequena pausa, cofiou a barba e continuou. Ainda hoje recordamos a Lei da Evolução. É também ela que determina as condições para que uma força volte a atuar sobre um animal depois da morte dele. Em outra oportunidade dissemos que existem várias categorias de matéria, cada uma delas caracterizando um campo de manifestação. Cada um desses campos tem funções definidas relacionadas ao processo evolutivo.

– E o nosso cachorro morto, vamos voltar a ele? perguntou Carlos.

– Era um cachorro? Não importa, o que estamos falando vale para qualquer animal. É a Lei de Evolução que vai determinar o futuro da força que atuou sobre ele. Até onde podemos chegar com base em um raciocínio elementar firmado sobre o aspecto evolutivo das forças, é que ela deve passar por várias espécies e gêneros do reino animal.

Fez uma pequena pausa e continuou.

– Em outras palavras: após a morte, a força que atuava no animal continua a evoluir, dentro de uma escala gradual de espécies, promovendo alterações na estrutura física no novo corpo utilizando-se de matéria da categoria adequada e disponível nos campos de manifestação encontrados no planeta Terra. Essa atividade permite obter, a cada nova vida, maiores condições de aperfeiçoamento do cérebro do novo corpo em que vão atuar. Permite, também, acumular experiências, e conseqüentemente uma mais rica situação evolutiva.

– Concorda com o que você disse antes: há uma trajetória, um caminho definido para a força percorrer e se enriquecer de atributos, ou seja, evoluir, disse Carlos.

– Não apenas uma trajetória. Eu mencionei isto na semana passada, acrescentou o Velho.

– Agora me lembro. Mas, poderia explicar melhor?

– Pois não. Cada força tem um lugar a ocupar no espaço, um papel com funções específicas a desempenhar. Assim há trajetórias adequadas para cada finalidade. Essas trajetórias diferenciadas existem em todos os reinos da natureza e até nos mundos fluídicos.

– Poderia nos dar detalhes de algumas dessas trajetórias? pediu Roberto.

– A ciência humana ainda não tem conhecimento detalhado dessas trajetórias, dos elos que formam uma determinada cadeia no reino animal, ou em qualquer outro reino. Talvez nunca venha a ter, apesar de que “nunca” é tempo demais.

Os primos, em silêncio, pareciam estar se esforçando para assimilar os ensinamentos do Velho.

– O que vocês acham de se fazer um resumo do que dissemos sobre os animais, suas vidas, suas mortes? perguntou o Velho.

– É uma ótima ideia, Carlos apressou-se a responder.

Roberto acenou concordando.

– A força que movimenta um animal encontra-se em algum ponto de sua trajetória evolutiva. Passa por etapas diversas por meio de mortes sucessivas. Em cada uma dessas etapas está comandando um cérebro que atende suas atuais necessidades evolutivas, mas ainda não lhe permite desenvolver atributos espirituais, como o

raciocínio e o livre-arbítrio. Contudo, os animais chamados de domésticos já apresentam atributos como fidelidade, reconhecimento, sentimento e mesmo alguns vestígios de inteligência. Essa força evolui provocando alterações na estrutura física dos corpos dos animais ao percorrer variadas espécies. Em cada vida, adquire mais condições de aperfeiçoamento, mais condições de evoluir.

Após pequena interrupção, continuou:

– Vamos terminar por hoje mencionando Darwin e Wallace. Foram os criadores da teoria da evolução das espécies, lembram-se? Asseveraram que os animais seriam a última etapa de uma trajetória evolutiva que termina no reino hominal. Se encaixa bem no que discutimos hoje. Concordam? – Não esperou resposta –. Eles não disseram, pelo menos explicitamente, mas nós já sabemos: todas as trajetórias disponíveis para a força que atua no reino animal cumprir as diversas etapas da evolução convergem a um mesmo ponto: o reino hominal, e nele continuam.

Levantou-se e estendeu as mãos dizendo:

– Continuaremos na semana que vem.

Já a caminho de volta, Carlos comentou:

– A conversa de hoje foi longa, mas bem interessante. O que você achou? Tem sentido o que o Velho disse?

– Levando em conta o conceito de evolução, temos de admitir que tudo que disse tem sentido. Não vejo nenhum atentado contra a lógica ou o bom-senso.

– Espero que na próxima semana ele finalmente nos leve a passear pelo reino hominal.

– E responda as perguntas que continuam pendentes desde o início de nossas visitas. Notou que o Velho continua com o costume de repetir várias vezes o que já disse antes? Talvez seja intencional, como suspeitamos quando jogamos xadrez dias atrás.

– Upa, upa, Alazão! Espero que você tenha tido uma conversa interessante com o Ventania, como tivemos com o Velho.

Os dois cavalos levantaram a cabeça ao mesmo tempo e relincharam, provocando surpresa, em seguida, sonora gargalhada nos primos.

11. Reino hominal

– Tem certeza de que não quer ficar? perguntou o Velho a Everaldo, que estava se preparando para sair. Os rapazes não se opuseram à sua participação.

– Gentileza da parte deles. Agradeça-lhes por mim. Na próxima semana, se houver reunião, procurarei estar presente. Hoje tenho alguns assuntos para resolver e que tomarão o resto do dia. Obrigado pelo cafezinho.

Apertou a mão do Velho e saiu.

Quando os primos chegaram, já não havia sinal do Everaldo.

– Bom dia, rapazes!, saudou o Velho recebendo a garrafa de vinho que os primos acostumaram levar para acompanhar o almoço. O Everaldo acaba de sair e disse que vai procurar participar de nossa próxima reunião.

Os rapazes não mostraram aprovação ou desaprovação, apenas cumprimentaram o Velho.

– Tudo bem, nota cem, disse o Velho notando a indiferença dos primos e convidando-os para se acomodarem. Qual o assunto de hoje?

– Esperamos que finalmente nos fale do reino hominal, respondeu Carlos. Depois de tudo que ouvi de você em nossa última reunião, passei a olhar os animais com outros olhos. Talvez eu passe a fazer o mesmo com os meus semelhantes.

– Com certeza, disse o Velho com entusiasmo.

– Tenho pensado no que você já nos disse e, tendo em mente a Lei da Evolução, a Lei de Causa e Efeito e o princípio da continuidade de Leibniz, cheguei à conclusão de que há uma trajetória evolutiva também para o ser humano, disse Roberto.

– Isso, isso, isso, e mais do que uma. Cada uma dessas trajetórias é continuação de outra que terminou no reino animal. Lembram-se de Rumi “morri como animal e me tornei homem”?

– Ele disse também, continuou Roberto, que “uma escada foi posta diante de ti”. Agora entendo que estava se referindo à trajetória que a força percorre em sua caminhada evolutiva. Mas antes disse “Desde que chegaste ao mundo do ser”. A que se referia?

O Velho sorriu.

– Estamos chegando lá. Notaram que há uma pergunta importante que nunca fizeram?

– O que deveríamos ter perguntado?

– Falamos de uma força em processo evolutivo, mas nunca perguntamos de onde ela veio. Ela existe, não duvidamos; se existe, deve ter tido uma origem, ter chegado “ao mundo do ser” a que se referiu Rumi, isto é, o mundo da existência. Elementar meu caro Watson.

– É realmente elementar, Holmes. Então me responda: de onde veio a força? perguntou Roberto sorrindo por aderir ao apelo do Velho ao famoso detetive britânico. Ela não pode ter existido sempre.

– Verdade bem verdadeira. O Velho às vezes se expressava de forma divertida. Nenhuma força individualizada existiu sempre, mas sua fonte sim.

- As forças brotam de algum lugar? perguntou Carlos.
- Que fonte é essa que sempre existiu? acrescentou Roberto.
- A resposta envolve um conceito que pode levar a uma interpretação equivocada. Por esta razão, vamos a ele com muito vagar, sem pressa.

Passou a mão sobre a barba e continuou:

- Estamos de acordo em que no universo somente há força e matéria. A fonte de forças não pode ser material, portanto é, também, uma força.
- É razoável. Se a fonte fosse material poderia ser vista, teria um contorno, uma forma, uma aparência, concordou Roberto.
- Todas as forças do universo têm origem nessa fonte, a mãe de todas elas, chamada Força Universal.
- E quem criou essa Força Universal?
- Não foi criada, sempre existiu, assim como o universo.
- Dizem que o universo não existiu sempre, tem idade, surgiu após uma megaexplosão, o tal de Big Bang, objetou Roberto.
- É uma teoria interessante, mas sempre me incomodou a pergunta: se ocorreu tal explosão, por que não ocorreu antes? interveio Carlos. E de onde surgiu aquilo que explodiu?
- Já li sobre isso, disse Roberto. De onde surgiu o objeto que explodiu, ninguém se atreveu até hoje a responder. Mas a teoria diz que não há um “antes” da explosão. O próprio tempo foi criado nesse megaevento. Portanto não tem sentido perguntar por que não ocorreu antes.
- Que coisa complicada! queixou-se Carlos um pouco nervoso.
- A teoria do Big Bang tem seus furos, como toda teoria, disse Roberto para acalmar o primo. Por outro lado, alguém disse que, em alto-mar, um barco furado é melhor do que nenhum barco.
- Há um outro “barco”, disse o Velho.
- Uma teoria alternativa à do Big Bang?
- Sim, é a chamada teoria do estado estacionário. Está um pouco desacreditada, mas não totalmente descartada. Ainda se mantém como uma teoria alternativa. Não vamos nos aprofundar nessa teoria, mas de acordo com ela, o universo sempre existiu, e vai continuar existindo eternamente.

Os primos se entreolharam, mas não disseram nada.

– Voltemos à origem das forças. Ao emanar da Força Universal, uma força passa a ter uma individualidade, chega ao “mundo do ser” a que se referia o poeta-filósofo, e começa sua trajetória evolutiva, “uma escada foi posta diante de ti”.

Calou-se para que os primos assimilassem o que tinha acabado de dizer.

– Já vimos, disse Roberto, que essa força “que passou a ser” vai se enriquecer de atributos em uma longa jornada pelo reino mineral, vegetal e animal chegando, finalmente, ao reino hominal.

– Isso, isso, isso. Só não concordo com o “finalmente”, se você estiver afirmando que o reino hominal é o término da jornada, disse o Velho.

– Você não disse que os antropólogos Darwin e Wallace foram unânimes em asseverar que os animais seriam o último patamar da escalada evolutiva que termina no homem? perguntou Roberto.

– Foi o que afirmaram, mas estavam errados. Mais uma vez o poeta-filósofo foi feliz quando disse: “Quando tiveres cumprido tua jornada, decerto hás de regressar como anjo”. O espírito, como é chamada a força que atua em um corpo humano – lembram-se? –, após completar sua trajetória no reino hominal vai enveredar por outro caminho, “regressar como anjo”, ou seja, sem corpo físico.

– Anjos não existem, reclamou Carlos.

– Com asinhas, sorriso nos lábios e outros apetrechos que a imaginação humana criou, certamente não existem, concordou o Velho.

Notando que Roberto estava profundamente concentrado, perguntou:

– Você tem algo a dizer, Roberto?

– Estou me lembrando de nossas primeiras conversas. Como admitimos que no universo existem apenas forças e matéria, a existência de anjos não pode ser aceita, seria um terceiro elemento, e estaríamos indo contra nossa posição inicial. O anjo a que se refere Rumi é, portanto, uma força, nesse caso o espírito que terminou sua jornada no reino hominal, entrando em uma nova escalada evolutiva.

– Você novamente me assombrou. Sempre tira conclusões lógicas, disse Carlos com indisfarçável admiração.

Roberto agradeceu ao primo. Voltando-se ao Velho, perguntou:

– Que trajetória seria essa que o espírito vai percorrer após terminar sua jornada no reino hominal?

– Você não está sendo apressado? Mal começamos a falar sobre o reino hominal!

– O que falta dizer?

– Tudo! respondeu o Velho. Mas, agora, é hora do ...

– ... almoço, completaram os primos.

Após a refeição e ajudando a lavar os pratos, Carlos comentou:

– Você cozinha muito bem, Velho. Como aprendeu?

– Na marra! Quando eu era jovem minha mãe adquiriu uma enfermidade que a obrigou a guardar o leito por muito tempo. Meu pai mal podia andar devido a uma séria lesão das pernas e não tínhamos condições financeiras para contratar uma cozinheira. Então, sobrou para mim. Fiquei apavorado, tudo que sabia de cozinha na época era preparar café no coador.

– Isto eu também sei fazer.

Ignorando a interrupção de Carlos, o Velho continuou:

– Quando comecei meu aprendizado, recebia instruções sonoras vindas do quarto. Finalmente, após vários feijões queimados e frigideiras furadas, consegui preparar alguma coisa que pôde ser degustada sem que a pessoa fizesse careta. Muito tempo depois, quando minha mãe deixou a cama, me dei conta de que eu já era um mestre-cooca, concluiu rindo dirigindo-se à sala e seguido pelos primos.

– A força logo que inicia sua jornada no reino hominal, começou o Velho, recebe o nome de espírito, como dissemos em uma de suas visitas. Nesse reino, como nos demais, ela vai manifestar e desenvolver novos atributos, ou seja, evoluir. Para isso vai dispor de um corpo, o corpo humano.

– Quais são esses atributos? perguntou Carlos.

– Alguns deles já haviam se manifestado, embora de modo rudimentar, como o raciocínio e alguns sentimentos. Alguns outros são a força de vontade, a consciência de si mesmo, a capacidade de percepção, a inteligência, a faculdade de concepção, o equilíbrio mental, a lógica, o domínio de si próprio, a sensibilidade e a firmeza de caráter.

– É muita coisa! admirou-se Carlos.

– E isso não é tudo. O espírito tem de se libertar das diversas paixões que invariavelmente o acometem em sua nova trajetória.

– Parece-me difícil conseguir desenvolver tantos atributos e livrar-se de paixões.

– Para isso ele dispõe de muitas vidas, como os animais.

O Velho notou certo desconforto em Roberto. Levantou-se, foi até sua biblioteca, selecionou um livro, localizou uma página e disse:

– Permitam-me citar alguns pensadores. Um deles já foi lembrado aqui pelo Roberto. Estou me referindo a Hermes Trismegisto. Ele disse: “*O espírito do homem tem duas*

fases: cativo na matéria (sua jornada pelo reino hominal, dizemos nós) e ascensão à luz (se torna ‘anjo’, dizia depois Rumi). Durante a encarnação, perde a recordação de sua origem. E continua: As almas pouco evoluídas permanecem amarradas à Terra por múltiplos renascimentos.

Procurou outra página do livro e continuou:

– Krishna, que viveu cerca de dois mil anos antes de Hermes, já afirmava: “*Quando o corpo morre, se o ser foi esclarecido, a alma ascende às regiões dos entes puros que possuem o conhecimento da vida. Mas se a alma, quando encarnada, se deixou dominar pelas paixões, pelos desejos imoderados, é então de novo obrigada a voltar à Terra, para recuperar o tempo perdido.*”

Fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– O espírito tem muitas passagens pela Terra. Vem e volta tantas vezes quantas necessárias para desenvolver aqueles atributos e livrar-se de paixões, como o apego a coisas materiais por exemplo. Os autores que citei nos dão mais um exemplo de ensinamentos que estão disponíveis à humanidade há milênios.

– Você está nos dizendo que o espírito nasce, como ser humano, várias vezes? perguntou Carlos.

– Não apenas eu. Muitos outros já afirmaram isso ao longo do tempo, como os que mencionei. Gostaria de acrescentar dois pesquisadores modernos: Ian Stevenson, um respeitável psiquiatra canadense e Brian Weiss, neurologista e psiquiatra norte-americano. Ambos se interessaram pelo tema reencarnação e fizeram várias pesquisas que publicaram em revistas especializadas. É do primeiro o livro “Vinte casos sugestivos de reencarnação”, publicado no Brasil em 1970. O segundo desenvolveu um tratamento, conhecido como terapia de vidas passadas, para enfermos com distúrbios psicológicos.

– Não precisamos acreditar em vidas múltiplas. Acreditar é um verbo que não deve estar presente no vocabulário que usamos nestas visitas, você nos disse isto antes. Devemos substituir “acreditar” por “raciocinar”, disse Roberto.

– Isso, isso, isso. E como devemos desenvolver nosso raciocínio? perguntou o Velho.

– Em obediência à Lei da Evolução, que se impõe imperiosamente, o ser humano tem muitas tarefas a realizar, muitos atributos a serem aperfeiçoados, muitas paixões para se livrar. Com uma só vida, não teria condições para levar a termo tudo isso. Então, meu caro Watson, o espírito necessita de várias vidas.

O Velho sorriu ao ouvir a referência ao amigo inseparável de Sherlock Holmes.

– Tem lógica, disse Carlos mais uma vez admirado com seu primo.

– Vocês acabam de entender por que têm vários nomes. Dou como respondida uma velha pergunta.

Os primos concordaram.

– Morremos várias vezes, disse Carlos com um sorriso. Depois de cada morte ficamos, como os animais, retidos na atmosfera fluídica da Terra à espera de nova oportunidade para renascer?

– Este é assunto para nossa próxima reunião, disse o Velho levantando-se e estendendo as mãos.

12. Vidas passadas

Na Fazenda Cruzeiro do Sul, o ajudante Pedro já se acostumara às visitas de Roberto e às quase imediatas saídas dos primos. Não mais preparava samburás e varas de pescar. Deixava os cavalos arreados para quando Roberto chegasse e preparava ração para os animais.

Roberto chegou mais cedo. Após cumprimentar Iaiá, como sempre fazia, juntou-se ao primo e os dois se dirigiram à cocheira da fazenda.

– Obrigado, Pedro, disseram os primos preparando-se para sair.

“Já vai tarde.” Ouviu-se uma conhecida vozinha estridente.

– O Pacheco continua irreverente! Não consigo dar um jeito nele, disse Pedro desculpando-se.

– Não se preocupe, disse Roberto rindo. Já estamos acostumados e até achamos divertido.

Logo que saíram, Carlos puxou conversa:

– Você aceitou a ideia de reencarnações?

– Temos de admitir que, apesar de estranho, é um conceito lógico, como eu disse no domingo passado. Não fere o bom-senso.

– Pode ser verdade, mas não me lembro de nenhuma vida passada.

– Nem eu. Deve haver alguma razão. Vamos ver o que o Velho tem a dizer sobre essa questão. Não vamos nos esquecer de perguntar-lhe.

Pararam brevemente na aldeia para a aquisição, que se tornara costumeira, de uma garrafa de vinho para o almoço.

– Bom dia, cumprimentaram ao chegar à casa do Velho. Vimos o Everaldo indo embora.

– Bom dia, rapazes. Mais uma vez ele não pôde, ou não quis, ficar. Entrem, entrem. O dia está quente. Querem uma água?

– Não, obrigado. Sempre trazemos garrafas térmicas com água para eventuais necessidades durante a viagem.

Entraram e se acomodaram.

– Na semana passada, começou Roberto, você nos convenceu de que todo espírito tem vidas múltiplas como ser humano. Como sou um espírito encarnado, também já devo ter tido várias vidas. Por que não me lembro de nenhuma delas?

– Eu também não me lembro, acrescentou Carlos.

– São raras as pessoas que se lembram de vidas passadas. Às vezes têm lampejos fragmentados de recordações. Krishna – mencionamos ele na semana passada – afirmava que se lembrava de todas elas. E não foi o único. Em transe hipnótico, continuou o Velho, podem ocorrer algumas lembranças, mas a pessoa hipnotizada se esquece delas completamente quando é despertada.

– Você não respondeu nossa pergunta, disse Roberto com sua costumeira impaciência.

– Vamos a ela. Façamos um pequeno exercício de lógica. O espírito encarna para processar sua evolução. Nesse processo vai encontrar situações que lhe darão oportunidades para aperfeiçoar seus atributos, e não possam prejudicar seu progresso.

– O que poderia lhe ser prejudicial? interrompeu Carlos.

– Reconhecer desafetos de vidas anteriores e sentir remorsos de más ações praticadas são circunstâncias que poderiam negar ao espírito a possibilidade de exercer seu livre-arbítrio sem interferência do que ocorreu em vidas anteriores. O espírito deve encontrar situações novas para enfrentar. É necessário que o passado permaneça no passado.

O Velho fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– Considerando tudo isso, o esquecimento das vidas anteriores é importante para o espírito ter uma vida sem indesejáveis obstáculos, que possam perturbá-lo, como os do tipo mencionado. Não reconhecer desafetos, possibilitando reconciliações; não ver aflorados durante sua nova vida erros do passado, que podem ser humilhantes ou vergonhosos, é uma lei sábia. Não acham?

– Lei? perguntou Roberto.

– Você acha que esse esquecimento seja obra do acaso? disse o Velho devolvendo a pergunta.

– Acaso não existe, lembrou Carlos. Então quem é o autor dessa lei?

– O mesmo de todas as leis que regem tudo no universo.

– Você está se referindo a Deus? Deus não existe, reclamou Roberto.

– Um ser barbudo, talvez como eu, disse rindo o Velho, sentado em um trono ladeado de protegidos e privilegiados, julgando e condenando ou perdoadando, este realmente não existe.

– Se tem barba, certamente também tem tripas, disse Carlos irreverentemente.

O Velho disparou-lhe um olhar de censura, e Carlos olhou para o lado, provavelmente envergonhado por sua gracinha.

– Se Deus não existe, quem é o autor dessas leis que você chama de universais? perguntou Roberto.

– Universais são todas as leis. Cada uma delas regendo em domínio próprio. Quanto à autoria, não tem sentido perguntar “quem”, pois isso implica a ideia de um ser, com forma e localização.

Outra pausa.

– Lembrem-se de quando falamos da origem das forças? Na ocasião dissemos que todas as forças do universo têm origem na Força Universal. É também dessa Força que se originam as leis universais. Aliás, é a Força criadora de tudo que existe no universo. Por este motivo, também recebe o nome de Força Criadora ou, ainda, Inteligência Universal. Hermes Trismegisto – lembram-se dele? – já asseverava “*A Inteligência Universal é a única Força Criadora de tudo quanto existe no Universo.*”

– Parece-me que este conceito também é tratado por Spinoza em sua obra filosófica, disse Carlos. Nosso avô Teodomiro tinha uma pequena biblioteca que ainda conservamos. Sempre que posso, dou uma xeretada nos livros que ele deixou. Creio que a obra mais importante de Spinoza, ou pelo menos a mais conhecida, seja “*Ética*”.

Roberto e o Velho se admiraram com esta súbita explosão de erudição de Carlos.

– Eu também gosto de ler, sabiam? explicou Carlos notando a surpresa do Velho e do primo.

Recompondo-se, Roberto retomou a conversa.

– Devo concordar que a existência dessa lei – vamos chamá-la de “lei do esquecimento” – é uma consequência lógica das premissas que vimos aceitando, concluiu Roberto.

– Há outro detalhe, relacionado com a Lei da Evolução, acrescentou o Velho. Embora o espírito não se lembre de vidas passadas, ele retém em seu subconsciente as experiências que adquiriu ao passar pelas diversas situações a que esteve sujeito. Traz, também, tendências resultantes das atitudes que tomou em sua jornada. Essas experiências e tendências vão se apresentar em suas vidas futuras e influenciá-las. Esta é outra lei universal conhecida como Lei de Causa e Efeito. É esta lei que regulariza o processo evolutivo. Já falamos dela quando abordamos o reino animal.

O Velho observou os primos aguardando alguma reação deles.

– Está explicado por que não nos lembramos de vidas passadas, é uma lei criada pela Força Universal. Mas, onde está esta Força? perguntou Carlos. Roberto se mantinha pensativo.

– Não está, é! respondeu o Velho. A Força Universal é tudo que existe no universo, o que vemos e o que não vemos. Não há um só elemento do universo que não seja parte dessa Força. Nada existe fora dela. Não há um só fenômeno que não seja causado por ela.

– Acho que não estou entendendo. O que você me diz das forças que atuam nos reinos da natureza? Não são elas que produzem os fenômenos que lá ocorrem? perguntou Roberto.

– Estamos sempre bombardeando-o com perguntas, disse Carlos em tom de desculpa.

– É por esta razão que estão aqui, e também por que os recebo com prazer. As perguntas que vocês fazem me agradam muito, pois dão-me oportunidade para falar sobre assuntos que talvez não tivessem me ocorrido.

Fez uma pequena pausa e continuou:

– Já dissemos que todas as forças têm uma origem comum, a Força Universal. Quando emanam dessa origem, tornando-se individualizadas, não significa que se tornam algo à parte. Continuam sendo integrantes da Força Universal. Mais do que isso, não se tornam independentes umas das outras. Há uma relação entre elas de interdependência, um emaranhado ou entrelaçamento. Um pleno entendimento dessa inter-relação escapa à nossa limitadíssima compreensão.

Os primos nem piscavam.

– Que coisa complicada, queixou-se Carlos.

– Esse entrelaçamento já foi detectado pela Física Quântica no âmbito microscópico, completou o Velho para surpresa dos primos.

– Então não se trata de um conceito teórico. O entrelaçamento está promovido à condição de um processo real, ou seja, é um fato, concluiu Roberto.

– Isso, isso, isso. E acrescentou: hoje vamos almoçar mais cedo. Acordei e me levantei antes do costumeiro e meu desjejum já livrou espaço para o macarrão.

Levantaram-se e se dirigiram à cozinha.

– Retomemos o ponto em que paramos na visita anterior, disse o Velho após todos se acomodarem de volta à sala.

– Já não me lembro de onde paramos, lamentou Carlos. Roberto, você poderia reativar minha memória?

– Você perguntou se o espírito, após a morte do corpo físico, fica na atmosfera fluídica da Terra esperando uma oportunidade para voltar a reencarnar, socorreu o primo.

– Normalmente não fica, afirmou o Velho.

– Normalmente? Se não fica, para onde vai? Se fica, por que razão? perguntou Carlos.

– Vamos à primeira pergunta: para onde vai o espírito após a morte do corpo físico?

Fez uma pausa para organizar as ideias.

– A força é promovida à condição de espírito quando já tem a faculdade do raciocínio razoavelmente desenvolvida. Quando os espíritos desencarnam, se as condições forem favoráveis, dirigem-se a mundos onde se agrupam em classes. Os espíritos de uma mesma classe têm o mesmo grau de evolução. Acumularam os mesmos conhecimentos. Nenhum tem algo para ensinar aos demais. Como a Lei da Evolução é mandatória, devem retornar a encarnar, pois aqui espíritos de vários graus de evolução se misturam intensamente, criando oportunidades para que uns aprendam com os outros. É por esta razão que a Terra é um mundo-escola.

– Desculpe-me interromper, disse Roberto. Entendi que o mundo para onde se dirigem os espíritos está fora da atmosfera fluídica da Terra. Por que devem ir para lá e não ficar por aqui mesmo aguardando uma oportunidade para reencarnar?

– São mundos, de diversas categorias, corrigiu o Velho. Voltando à sua pergunta, você já sabe a resposta, basta analisar com profundidade o que foi dito aqui quando falamos da evolução das forças.

– Poderia nos recordar? pediu Carlos, estou meio perdido.

Com toda a paciência que caracterizava o Velho, ele acedeu.

– As forças fazem sua evolução atuando em campos com matéria adequada. Enquanto estão atuando nos reinos mineral, vegetal e animal encontram na atmosfera fluídica da Terra campos de manifestação apropriados para suas necessidades evolutivas. Quando o livre-arbítrio – que nos animais é limitado às necessidades da vida material – se apresenta de forma mais avançada em uma força, e o raciocínio evolui de simples instinto para uma faculdade mais apurada, esta força passa a se chamar espírito. Nessa nova fase, torna-se responsável pelos seus atos e se vê diante de atributos mais sofisticados para desenvolver, como sentimentos, capacidade mental, habilidades intelectuais etc. Necessita, assim, de matéria fluídica de categoria não disponível nos campos de manifestação terrenos. Deve ir, portanto, a mundos a partir dos quais tem acesso a matérias de categoria adequada às suas novas necessidades.

Olhou para os primos e, notando que estavam bastante atentos, continuou:

– Devo acrescentar mais uma informação. É com matéria disponível nesses mundos que é formado o corpo fluídico – é esse o nome que recebe – que vai acompanhá-lo em todas etapas futuras de sua jornada evolutiva. O espírito jamais se separa desse corpo fluídico, embora vá se compondo de matéria cada vez menos densa à medida que o espírito avança em sua trajetória evolutiva.

Ajeitou-se na poltrona e acrescentou:

– Permitam-me abrir um pequeno parêntesis, pois este é um momento oportuno. Quando alguém afirma que viu um espírito, o que viu realmente foi o corpo fluídico dele. Fecha parêntesis. Posso passar à segunda pergunta: por que um espírito fica por aqui após a morte do corpo físico?

Os primos se entreolharam.

– Por mim, tudo bem, disse Roberto.

– Por mim também.

– Após a morte do corpo físico, por que um espírito não se dirige ao mundo de espíritos de mesma classe e fica por aqui? Respondo: porque está preso a manias e paixões terrenas que adquiriram ao longo da vida. Estas embrutecem sua razão, enfraquecem sua vontade e atuam como grilhões tornando-o prisioneiro da atmosfera fluídica da Terra.

– O que ficam fazendo por aqui?

– Passam a ser espíritos obsedados e obsessores. São a causa de muitas enfermidades, físicas e psíquicas, que acoçam e vitimam os seres encarnados.

– Como podem causar esses males?

– Por meio de intuições e pela descarga de fluidos deletérios que estão impregnados em seus corpos fluídicos, ou que deliberadamente trazem de fora, normalmente colhidos de corpos em estado de putrefação.

– Intuições?

– Sim, já falamos de mediunidade em uma das primeiras visitas de vocês. Há muitas modalidades de mediunidade. Nem todas as temos manifestadas. Porém, a mediunidade intuitiva é comum a todos os seres humanos – dissemos isso naquela ocasião. É dessa mediunidade que os espíritos se utilizam para incutir pensamentos na mente do ser humano.

– Como nos livrar dessas influências nefastas?

– Lembrem-se de que eu disse que tenho poderes?

– Sim, lembramo-nos e ficamos curiosos. Chegamos a pensar que você não regulava bem da cabeça, disse Carlos rindo.

– Espero que tenham mudado de ideia, disse o Velho também rindo. Pois vocês também têm poder, a força de vontade. Por meio dela, aliada ao raciocínio, podemos administrar nossas ações e pensamentos. São eles, pensamentos e ações, que criam um ambiente que exerce atração daqueles espíritos obsessores.

Depois de pequena pausa, continuou:

– Estou falando de outra lei universal, a Lei de Atração ou Repulsão. Além de estar por trás de outros processos, é ela a responsável pela aproximação ou afastamento de espíritos. Da qualidade da nossa ação ou do nosso pensamento depende a natureza do espírito que será atraído. Ações que visam ao cumprimento de deveres, e nutrir

pensamentos positivos e otimistas são atitudes determinantes para evitar a aproximação de espíritos indesejáveis.

– Os iguais se atraem, disse Carlos. Já ouvi isto antes. Tem algo a ver com a Lei de Atração e Repulsão?

– É um dos aspectos dessa lei. Por esta razão, também é conhecida como Lei da Afinidade.

Roberto ouvia com atenção o que o Velho dizia, mas parecia inquieto.

– O que o incomoda? perguntou o Velho.

– Entendi que o espírito, para poder continuar evoluindo, como impõe a Lei da Evolução, deve deixar a Terra após a morte do seu corpo físico e alcançar outros mundos, de onde poderá ter acesso a matérias fluidicas de categoria adequada à sua próxima encarnação. Entendi bem?

– É isso mesmo o que eu quis dizer.

– Concluo, então, que o acesso àquelas matérias fluidicas não é possível a partir da Terra.

– Conclusão lógica.

– Também entendi que um espírito pode ficar preso à atmosfera fluidica da Terra após a morte do corpo físico.

– Entendeu corretamente.

– Assim sendo, gostaria de fazer duas perguntas.

Carlos acompanhava este diálogo com muito interesse.

– Vamos a elas, convidou o Velho.

– Primeira pergunta: Como é esse processo de acesso àquelas matérias? Segunda: o espírito que aqui fica preso não vai evoluir, já que não lhe é permitido acessar as matérias que lhe são necessárias para continuar seu processo evolutivo. Estará escapando à Lei da Evolução?

Carlos arregalou os olhos e se ajeitou na poltrona.

– Vejo que você incomodou seu primo, disse sorrindo o Velho a Roberto. E continuou: hoje vou responder à segunda pergunta. A primeira fica para a semana que vem.

Cofiou a barba, fechou os olhos por uns instantes e continuou:

– É verdade que um espírito preso na atmosfera fluidica da Terra não vai evoluir. Tampouco involuir, isto é, perder o que já conquistou até aquele momento, pois não há

injustiça nas dimensões espirituais. Também não escapa à Lei da Evolução, que pode tardar, mas nunca deixa de atuar.

E acrescentou:

– Como o espírito é dotado de vontade, mesmo preso por aqui continua atuante e, conforme suas ações, pode estar acumulando débitos que afetarão suas próximas encarnações.

– Débitos?

– Isso, isso, isso. Pensem na Lei de Causa e Efeito que mencionamos hoje.

Levantou-se e estendeu as mãos, sua forma habitual de indicar que a conversa tinha chegado ao fim.

No caminho de volta, Carlos perguntou a Roberto:

– No final da conversa de hoje, o Velho mencionou débitos que o espírito pode estar adquirindo. Se são débitos, terão de ser pagos? Como? Por meio de castigos?

– Estava pensando justamente nisso. Se formos aceitar a ideia de castigo, temos de admitir que deve haver alguém para aplicá-lo. Esse alguém seria o deus dos religiosos, ou os deuses das religiões politeístas. Hoje foi dito que nenhum deles existe. É mais razoável aceitar a Lei de Causa e Efeito.

– Nenhum deus, e sim leis que regem tudo no universo. Gosto de pensar assim. Sinto-me mais independente.

– Independência, liberdade para pensar! Você notou que isso nos leva a entender por que o Velho nos disse na primeira visita que ser ateu é bom?

– Ele disse, também, que é ruim. Como entender isso?

– Boa pergunta. Vamos pensar nela?

13. Reino espiritual. Matérias fluídicas

– Como é o processo de acesso às matérias fluídicas de que o espírito necessita para dar prosseguimento à sua evolução? É esta a pergunta que ficou sem resposta na semana passada? começou o Velho na nova visita logo que todos se instalaram na sala.

– Você nos disse que o espírito não tem acesso àquelas matérias enquanto estiver preso na atmosfera fluídica da Terra, lembrou Roberto.

– Isso, isso, isso. Antes de eu responder, permitam-me fazer uma adição ao que falamos na semana passada. Depois da morte do corpo físico, o espírito deve se dirigir a outra dimensão, onde ficará estagiando no mundo e classe que lhe são próprios. Por esta razão, dá-se o nome de mundo de estágio a essa dimensão. Nessa condição, livre das perturbações terrenas, faz um balanço do que conseguiu até aquele momento. Se houver

necessidade de uma nova encarnação, faz planos para sua próxima vida. Esse planejamento contempla alguns atributos que ainda faltam se manifestar ou necessitam ser burilados.

– Desculpe-me interromper. O espírito tem pleno conhecimento do que lhe falta?

– Não se desculpe, sua pergunta foi oportuna. Ao traçar seu plano para a próxima encarnação, ele sabe em quê falhou e pode receber orientações e sugestões de espíritos de evolução mais adiantada.

– Obrigado. Voltemos ao que você estava dizendo.

– Uma vez delineado o plano, e com um corpo físico já em desenvolvimento no útero da futura mãe, o espírito deixa seu mundo de estágio e vai se projetando no mundo de matéria densa, onde se encontra o planeta Terra. Nesse processo vai recolhendo, de diversos campos que envolvem a atmosfera fluídica da Terra, matérias fluídicas com funções adequadas a cada item programado no mundo de estágio. Essas matérias são incorporadas ao corpo fluídico do espírito, que vai se conectando, molécula a molécula, com o corpo físico em gestação. Falta, agora, aclarar qual o mecanismo utilizado no recolhimento de matéria fluídica.

– Detalhe interessante! Como é esse mecanismo? O espírito sabe quais matérias deve recolher?

– Não precisa saber. O processo é regulado por uma lei já conhecida nossa: a Lei da Afinidade. Um pensamento sempre precede a formulação de um programa de atividades, concordam? Não é diferente nos mundos de estágio. Ao pensar seu programa, o espírito magnetiza, por assim dizer, seu corpo fluídico com as intenções planejadas. Ao cruzar as diversas camadas de matéria fluídica que envolvem a atmosfera fluídica da Terra, esse corpo fluídico assim magnetizado vai atraindo, automaticamente, as matérias adequadas. É essa atração que é regulada pela Lei da Afinidade. O pensamento, meus amigos, é uma poderosa faculdade à espera de estudos mais profundos.

Os primos nem piscavam, tão empolgados estavam com as palavras do Velho.

– Tudo isto me parece razoável diante do que nos disse em visitas anteriores. Estou me referindo ao processo evolutivo das forças. Para desenvolver atributos, elas vibram tendo como apoio matérias de categoria conveniente. Como o espírito é uma força, deve proceder da mesma forma, comentou Roberto.

– Isso me fez lembrar das varas e da academia, disse Carlos rindo.

– Há uma pergunta que estou esperando vocês fazerem, provocou o Velho.

– E qual seria? perguntou Roberto.

– Certamente não é esta que você acaba de fazer, respondeu em tom de brincadeira. Vou preparar terreno para que vocês tenham inspiração.

Fez pequena pausa e continuou:

– No processo de encarnação, o espírito deixa seu mundo de estágio e vai colhendo matérias apropriadas para ele desenvolver o programa que fez. Essas matérias, adicionadas ao seu corpo fluídico, acompanham-no durante sua vida. E silenciou.

Um primo olhou para o outro esperando que se pronunciasse.

– O que lhe ocorre perguntar, Roberto?

Este olhou para o Velho, respirou fundo e arriscou:

– Uma vez que o espírito chega ao final de sua vida física, o que faz com a matéria que colheu em sua viagem de vinda? Permanece em seu corpo fluídico?

– Gostei da pergunta, Roberto. Atiçou minha curiosidade.

– É exatamente a pergunta que eu aguardava, disse o Velho.

– E qual a resposta? perguntou Carlos.

– Acho que o Roberto já a encontrou, pois não para de se mexer em sua poltrona. Olhando para Roberto, acrescentou: Estamos aguardando, Roberto. Você tem a palavra.

– Fiz um pequeno raciocínio e a conclusão a que cheguei foi a seguinte: o espírito necessita daquelas matérias para realizar o plano programado para sua estada na Terra. Após a morte, o plano foi executado ou não. Quando voltar ao seu mundo de estágio, vai fazer um balanço das suas atividades terrenas e preparar um novo plano. Esse novo plano pode necessitar de outras matérias para ser realizado. Portanto, as matérias que utilizou na vida que terminou podem não mais lhe ser úteis. No caminho de volta, ele deve se livrar delas. É a Lei de Afinidade que faz com que aquelas matérias fluídicas sejam retiradas de seu corpo fluídico e devolvidas aos seus campos próprios.

– Gostei do seu raciocínio, Roberto. E você, Velho, o que achou?

– Também gostei, pois foi um raciocínio e conclusão acertados.

– O espírito não vai mais necessitar daquelas matérias?

– Pode, sim, voltar a colher algumas delas para tentar novamente executar as partes da sua programação que não conseguiu cumprir ao longo de suas encarnações.

– Quantas vezes um espírito reencarna?

– Quantas forem necessárias. Uns mais, outros menos. Depende de como utilizaram seu livre-arbítrio aqui na Terra.

– E quando deixa de reencarnar?

– Quando o mundo-escola Terra não tiver mais lições para lhe ensinar na condição de encarnado. É quando termina sua jornada pelo reino hominal.

– É o fim de sua evolução? Nada mais há para aprender?

– Há muito ainda que aprender. Ele se vê diante de novas trajetórias evolutivas a serem percorridas.

– Antes de continuar, permita-me voltar um pouco em nossa conversa. Você disse que há um momento em que o mundo-escola Terra nada mais tem a ensinar a um espírito na condição de encarnado. Deduzo que ainda há lições a aprender como desencarnado. Poderia explicar melhor?

– Sim, mesmo para o espírito que não precisa mais reencarnar, o planeta Terra continua sendo um mundo-escola, embora temporário. Há um trecho da sua estrada evolutiva que ainda é percorrido por aqui. O espírito, já sem corpo físico – contudo ainda e sempre com seu corpo fluídico – passa a trabalhar no reino que podemos chamar de astral.

Carlos estava pensativo.

– Tem algo a dizer, Carlos? perguntou o Velho.

– Lembrei-me do Rumi. Acho que é exatamente isto o que ele quis dizer nestes versos: “Quando tiveres cumprido tua jornada, decerto hás de regressar como anjo; depois disso, terás terminado de vez com a Terra e tua estação há de ser o céu.”

– Parabéns, bem lembrado! disse o Velho. Sob as luzes do que estivemos falando, como você interpretaria esses versos?

Sem disfarçar sua emoção, Carlos continuou:

– Por “jornada” Rumi quis se referir às sucessivas vidas como encarnado; por “regressar como anjo” quis dizer sem corpo físico; “terminado de vez com a Terra” significa ter aprendido todas as lições disponíveis neste nosso mundo-escola; finalmente, “tua estação há de ser o céu” significa que passa a atuar no reino astral.

Roberto e o Velho ficaram admirados com a interpretação de Carlos.

– Também te felicito, disse Roberto. Vejo que tens aproveitado bem nossas conversas.

– Aprendi com o vô Teodomiro como prestar atenção para absorver com proveito novos ensinamentos.

Roberto dirigiu-se ao Velho:

– Passamos ao reino astral?

– Não antes do almoço. Hoje temos sobremesa, respondeu o Velho levantando-se.

– Adoro sobremesa. O que vai ser?

– Romeu e Julieta.

O almoço transcorreu como sempre, com conversa informal, mas animada.

– Sabemos pouco sobre o reino astral, começou o Velho quando todos, de volta à sala, já ocupavam suas poltronas. Nem conseguimos imaginar as novas faculdades e atributos que vão se manifestar no espírito. Contudo, conhecemos algumas das tarefas que vai realizar.

– Pode enumerar algumas?

– Sabemos que o espírito reencarna muitas vezes, com o imperativo objetivo de evoluir. Em cada vida, traz um programa que definiu em seu mundo de estágio. Quando não consegue executar a contento o programa, volta a tentar. Não é raro falhar e desperdiçar inúmeras vidas. Decide, então, não mais encarnar e prosseguir sua evolução trabalhando na dimensão astral. Ele sabe que nestas condições sua evolução é muito mais lenta. Mesmo assim, toma a decisão, pois não corre o risco de falhar novamente. Trabalha ajudando espíritos mais avançados, que não precisam mais encarnar, e deles recebe orientações.

E continuou:

– O trabalho desses espíritos mais avançados é uma das atividades realizadas no reino astral. Inicialmente, ajudando a humanidade em vários aspectos. Mais tarde, em espaço superior, digamos assim, realizando tarefas para nós inimagináveis, mas sempre cumprindo os ditames da Lei da Evolução.

– Esses espíritos nunca mais voltam a encarnar? perguntou Carlos.

– Boa pergunta, estava me esquecendo de um detalhe. Há um ou outro que eventualmente reencarna, não por imposição da Lei de Evolução, mas espontaneamente para ajudar a humanidade trazendo esclarecimentos de natureza espiritual. São espíritos que atingiram um altíssimo grau de evolução.

– Nossas conversas têm sido muito interessantes. Você tem tratado de assuntos que nunca me passaram pela cabeça. Sempre abordados sob um ângulo original. Tenho aprendido muito com você, disse Roberto e olhou para o Carlos.

– Faço minhas as palavras do Roberto. Durante a semana, faço um resumo por escrito do que foi tratado e espero ansioso a chegada do domingo para vir conversar com você e aprender mais.

– Obrigado, disse o Velho. Também tenho gostado de nossas reuniões. Vocês têm contribuído, de forma inteligente, para nossas conversas, com comentários e perguntas estimulantes.

Os primos se levantaram.

– Hoje vamos sair mais cedo, disse Carlos. O Pedro, um ajudante da fazenda, está precisando de minha ajuda para finalizar algumas tarefas.

Apertaram as mãos do Velho e saíram.

14, Conhecimentos secretos

– Bom dia, sejam bem-vindos, disse o Velho cumprimentando com um sorriso os primos que acabavam de entrar.

Olhando para o Everaldo, já acomodado na sala, continuou:

– Vocês já se encontraram com o Everaldo, embora muito rapidamente, semanas atrás.

– Sim, lembramo-nos dele. Vai ficar para nossa reunião? perguntou Roberto apertando a mão de Everaldo.

– Finalmente tenho a oportunidade de juntar-me a vocês.

– Ele é membro de uma organização que se diz portadora de conhecimentos secretos e, vira-e-mexe, está me convidando para me associar a ela, disse o Velho em tom de apresentação. Já lhe disse que não creio em ensinamentos secretos e que nunca me associarei, mas ele diz que “nunca” é muito tempo e continua insistindo. Teme que alguma outra associação me seduza. E riu.

– Isto explica a atitude de desconfiança que demonstrou quando nos viu pela primeira vez, disse Roberto também rindo.

– O que ofereço ao Velho, disse Everaldo, é uma oportunidade para adquirir conhecimentos que não estão disponíveis a todos.

– A não ser que você se torne membro e pague mensalidades, disse o Velho maliciosamente.

Everaldo não reagiu.

– Nosso avô Teodomiro uma vez se referiu a essas organizações, disse Carlos. Não diretamente, mas citando o autor de um livro – não me lembro do autor, nem do título do livro – que dizia ter estudado os ensinamentos de muitas delas e, depois de alguns anos, concluiu: “Quanta perda de tempo!”

– Acho que o autor exagerou, opinou o Velho. Estudar nunca é uma perda de tempo. Sempre se aprende alguma coisa.

– Lembrei-me de Edson, o inventor da lâmpada elétrica. Com respeito às suas infrutíferas tentativas, ele as minimizou dizendo que havia descoberto cem maneiras erradas de se construir uma lâmpada. Talvez aquele autor tenha descoberto cem caminhos que não conduzem a lugar algum, comentou Roberto rindo.

Ignorando o comentário de Roberto, Everaldo perguntou a Carlos:

– Por que o autor mencionado pelo seu avô se lamentou pelo tempo perdido? Por acaso havia encontrado algo mais útil?

– Não sei. Ele nunca voltou ao assunto.

– Além de astronomia, parece-me que o Teodomiro também se interessou por assuntos esotéricos, comentou o Velho. Lembro-me de que uma vez, num encontro casual na biblioteca da cidade, ele mencionou brevemente algo neste sentido. Mas, não me pareceu que dava muita importância.

– Talvez não tenha avaliado bem. Os ensinamentos que algumas organizações divulgam – pelo menos a da qual sou membro – são resultado de estudo e trabalho de sábios, disse Everaldo.

– Dificilmente uma comunidade reconhece alguém como sábio, a não ser aquele que ela mesma criou, à sua própria imagem, reagiu Roberto.

– Meninos, meninos, interferiu o Velho, não estou gostando do rumo que nossa conversa está tomando. Vamos ser objetivos.

Foi até sua biblioteca, retirou um livro e, sem mencionar o título, disse:

– Vejamos um dos ensinamentos dessa organização, referente à evolução, e leu. “No princípio de um Dia de Manifestação, diz-se que certo Grande Ser se isola a si mesmo em certa porção do espaço que escolhe para criar um sistema solar, para evolução de aumento de sua própria Consciência.”

Olhou para todos e continuou: “Inclui em seu Próprio Ser hostes de gloriosas Hierarquias de, para nós, incomensurável poder e esplendor espiritual. Elas são os frutos de passadas manifestações desse mesmo Ser e também de outras Inteligências de decrescente grau de desenvolvimento, até as que ainda não adquiriram um estado de consciência tão elevado como o de nossa humanidade atual. Portanto, estas últimas não estarão aptas para terminar sua evolução neste Sistema.”

– E mais: “Os seres mais desenvolvidos, que deviam converter-se em homens, foram os primeiros em aparecer, e evoluíam sob a direção da Hierarquia de seres adiantados, a que damos o nome de “Senhores da Chama”; estes incorporaram ao gérmen do corpo físico implantado já anteriormente no Período de Saturno, a capacidade de desenvolver os futuros órgãos dos sentidos, e, em colaboração com os “Senhores da Sabedoria”, modificaram o gérmen do corpo físico de tal maneira que pudesse ser interpenetrado por um corpo vital, que começou a formar-se na segunda ronda, pelas irradiações dos “Senhores da Sabedoria”.

Consultou outro livro.

– Ainda sobre o tema evolução, esta outra obra diz: “A Mente é um elemento e uma fase da Substância Universal; a Suprema Unidade, ou, por outras palavras, o Todo, é, portanto, num dos seus aspectos, Mente; e o Universo é, por conseguinte, Mental, isto é,

existe na Mente do Todo, porque é composto da substância utilizada pelo Todo que reflete sua imagem macrocós mica na imagem microcós mica.”

Olhou novamente para os presentes, que se mantinham calados.

– O texto continua dizendo: “E como o Universo é mental a Transmutação há de ser a Arte de mudar as condições do Universo em relação à Matéria, Força e Mente. Este é o ponto onde começam e tornam-se efetivas as operações da Magia, tanto a Negra, como a Branca.”

Devolveu o livro à estante e apanhou um terceiro.

– Vejamos, vejamos, – correndo o texto de uma página com um dedo –, aqui diz: “Podemos dividir a formação do antahkarana e seu desenvolvimento em duas grandes etapas. Na primeira, através do sutratma, a alma cria nossos veículos de expressão nos planos mental, astral e físico. No plano físico, ele se ancora no chakra sacro (embora eventualmente, em nossa evolução, se mova para o chakra laríngeo). Na segunda, a alma em encarnação começa a desenvolver sua consciência, primeiro no plano físico, então no astral, e por fim no mental inferior, e então inicia o trabalho – que basicamente é meditativo e de serviço – para eliminar a quebra de consciência entre os três aspectos mentais (mente concreta, corpo causal e mente abstrata), completando a formação desta parte do "caminho de retorno" à Mônada. Este caminho "de baixo para cima" é sem dúvida muito mais difícil de ser concluído, pois diferente do "caminho de descida", deve ser desenvolvido de forma consciente, através do serviço. Ele não ocorre, usando uma expressão até um pouco inadequada, de forma automática. “

– Entenderam? perguntou voltando à sala.

– Não é possível entender sem levar em conta os sete raios, esclareceu Everaldo.

– O que vem a ser esses raios? perguntou Roberto.

– Permitam-me responder, disse o Velho. Dirigiu-se novamente à sua biblioteca, apanhou outro livro e folheou-o por alguns instantes.

– Ah!, aqui está: “Há Uma Vida, que Se expressa, primariamente, através de sete qualidades ou aspectos básicos, e em segundo lugar, através da diversidade das formas”. Olhou novamente para a sala e continuou: “Um raio é apenas um nome para uma força em particular ou tipo de energia, com ênfase na qualidade que essa força exhibe e não no aspecto da forma que ela cria. Esta é a verdadeira definição de um raio.”

Foi até a sala, sentou-se e continuou lendo: “Da mesma forma que existem sete Dhātu (principais substâncias no corpo humano), existem sete Forças no Homem e em toda Natureza.”

Olhou rapidamente para os presentes e voltou a consultar o livro:

– Aqui temos a lista dos sete raios: “Primeiro Raio: (vermelho) Poder e Vontade; Segundo Raio: (azul) Amor e Sabedoria; Terceiro Raio: (verde) Atividade Inteligente; Quarto Raio: (amarelo) Harmonia Através do Conflito; Quinto Raio: (índigo) Ciência e Conhecimento Concreto; Sexto Raio (rosa prateado) Devoção e Idealismo; Sétimo Raio: (violeta) Ordem e Magia Cerimonial.”

Everaldo mostrava-se satisfeito.

– Entrei em parafuso, disse Carlos.

– Não está sozinho, primo. E você, Velho, entendeu alguma coisa?

O Velho não respondeu. Levantou e foi recolocar o livro em sua estante.

– Para compreender, disse Everaldo, são necessários anos de estudo e meditação.

– Eu ainda prefiro, interveio o Velho voltando à sala, algo mais simples e de utilização imediata. Qual benefício estes ensinamentos podem oferecer a esta humanidade cheia de problemas e dúvidas?

– Eu me lembrei outra vez do vô Teo, disse Carlos. Em uma ocasião ele disse que valorizava mais o que podia ser ensinado com palavras simples e compreendido sem muita dificuldade.

– Assim também pensava Alcuíno de York, disse o Velho.

– Alcuíno de quê? perguntou Carlos.

– De York, uma cidade histórica localizada em Yorkshire, no norte da Inglaterra.

Vendo o interesse de todos, continuou:

– Foi um monge cristão. Viveu no século VIII. Dedicou a maior parte de sua vida ao ensino, dando ênfase aos aspectos da vida cotidiana das pessoas. Insistia com seus alunos para que aprendessem a raciocinar. Com este objetivo, costumava criar enigmas e quebra-cabeças. Muitos deles chegaram até nós e, possivelmente, vocês os conhecem.

– Poderia mencionar alguns? pediu Carlos.

O Velho pensou um pouco.

– É dele o seguinte enigma: “Um homem tinha de atravessar um rio. Dispunha de um pequeno barco com espaço suficiente para apenas duas cargas. Ele trazia consigo um lobo, uma cabra e um repolho. Como levar todos eles para o outro lado do rio sem deixar o lobo sozinho com a cabra (ele a comeria), nem a cabra sozinha com o repolho (ela o comeria)?” Veem o cuidado que ele tinha em usar aspectos do cotidiano das pessoas? Lobo, cabra, repolho, rio,...

– Já vi um problema semelhante. Não sabia que teve como modelo este que Alcuíno criou há séculos, disse Roberto.

– Ele escreveu um livro só com este tipo de enigmas, informou o Velho. Em sua época era conhecido como “o monge mais letrado do mundo”. Alcuíno merecida, pois seus ensinamentos abrangiam várias áreas do conhecimento. Entre elas lógica, matemática, astronomia e música.

– Você me deixou curioso, disse Everaldo. Poderia mencionar outras contribuições desse monge?

– Se você consegue ler um texto sem maiores problemas, deve isto a ele.

– Como assim? perguntou Everaldo.

– Já, já vem a resposta. Aguarde um pouco mais, solicitou o Velho. E continuou: Ouvindo falar do “monge mais letrado do mundo”, Carlos Magno convidou-o para ajudá-lo a formar uma corte de intelectuais.

– Você está se referindo ao famoso imperador romano? perguntou Roberto.

– A ele mesmo. Naquela época, poucos monarcas sabiam ler. Carlos Magno não somente sabia como se interessava e dava importância à cultura. Daí a preocupação com a instrução da sua corte. Alcuíno aceitou o convite e mudou-se para o palácio. Logo no início de suas novas atividades, o monge apresentou uma sugestão ao imperador. Este a aceitou e mandou implantar em todos os domínios do império.

Fez uma pequena pausa para criar suspense.

– Qual foi a sugestão? Carlos perguntou mostrando um pouco de impaciência.

– É a resposta à pergunta do Everaldo, respondeu o Velho. Vou explicar.

Olhou a todos e notou com prazer que continuavam atentos.

– Era costume dos romanos escrever usando todas letras maiúsculas. Isto dificultava muito a leitura. Para complicar ainda mais, não havia intervalo entre as palavras. Ainda hoje se vê exemplos deste tipo de escritura em alguns monumentos da época.

– Acho que encontrei a resposta à pergunta do Everaldo. Posso arriscar? perguntou Roberto.

Todos voltaram-se para ele.

– A sugestão de Alcuíno foi que os escribas e copistas passassem a usar letras minúsculas e as palavras fossem separadas.

– Isso, isso, isso. Quando vocês estiverem lendo, não se esqueçam de agradecer ao “monge mais letrado do mundo” a forma cômoda em que o texto é apresentado, disse o Velho rindo.

Everaldo levantou-se.

– Sei que vocês têm almoçado juntos. Infelizmente, não vou poder ficar. Antes de ir-me, gostaria de aproveitar este nosso encontro para convidá-los a se tornarem membros da organização a que estou associado. Pegou a pasta que sempre levava consigo – os primos já haviam notado isso –, apanhou alguns folhetos e os estendeu aos primos.

– Obrigado, responderam respeitosamente levantando-se e apertando a mão de Everaldo, que se despedia.

Iam sentar-se quando notaram que o Velho já estava na cozinha, preparando a mesa para o almoço.

– Vocês não trouxeram mais o cachorro. Como se chama? Ah, Caçador, disse o Velho durante a refeição.

– Não está mais conosco. Semanas atrás Pedro, nosso ajudante na fazenda, foi visitar alguns parentes e levou Caçador. Uma sobrinha dele, de cinco ou seis anos, se enamorou do cachorro e os dois brincaram o tempo todo. Amor mútuo à primeira vista, disse Carlos rindo. Percebendo a alegria da menina, Pedro decidiu deixar o cachorro com ela. De volta, explicou-me com muita humildade o que tinha feito dizendo que voltaria para apanhar o cão se sua decisão não fosse aprovada. Eu o tranquilizei: “Deixe-o lá; ambos se deram bem e estão felizes, e já temos o Pacheco, não é mesmo?”

– Pacheco? perguntou o Velho.

– Sim, um papagaio desrespeitoso que Pedro ganhou de um primo, respondeu Carlos rindo.

A conversa continuou, com assuntos leves.

De volta à sala, Carlos examinou o folheto que recebeu de Everaldo.

– Parece-me complicado, misterioso o que diz este folheto. O que você acha dessa organização? perguntou ao Velho.

Com uma pitada de psicologia e malícia, o Velho respondeu:

– Crie um mistério em torno de um assunto e logo você captará a atenção das pessoas.

– Você acha que seria interessante tornarmos membro? perguntou Roberto.

– Esta decisão é de vocês. Pessoalmente, prefiro empregar meu tempo em leituras mais simples, com ensinamentos de fácil entendimento.

– Você poderia nos indicar algumas dessas leituras?

– Em uma de minhas visitas ao sebo da cidade, encontrei uma obra que me despertou a atenção. Li trechos e logo percebi que seria interessante examinar com mais cuidado o conteúdo, e o comprei.

– Posso vê-lo?

- Eu o emprestei e não me lembro a quem. O fato é que não foi devolvido.
- Há um ditado persa que diz: “Quem empresta um livro deveria ter a mão cortada; quem o devolve, as duas.”, disse Roberto.
- Prefiro este: “Quem empresta um livro, doa alegria, sabedoria e cultura”, disse o Velho.
- É uma pena que você o perdeu. Qual o título?
- “Racionalismo Cristão”, respondeu o Velho.
- Mais uma religião?
- Foi o que pensei, antes de examinar seu conteúdo. Uns poucos parágrafos deixaram bem claro que se tratava de uma doutrina espiritualista. Muito do que falei a vocês, aprendi estudando esse livro.
- A palavra “cristão” nos remete a Jesus. Às vezes tenho dúvidas de que existiu alguém com este nome, pois vejo muitas inconsistências nos ensinamentos que são atribuídos a ele. Nenhum historiador registra sua passagem entre nós, a não ser os Evangelhos que, para mim, são um conjunto de absurdos, disse Roberto.
- Jesus é citado duas vezes por Josefo, Flávio Josefo, considerado um dos maiores historiadores judeus de seu tempo. Viveu na época de Jesus.

O Velho se dirigiu à sua biblioteca, apanhou um livro e leu em voz alta:

– “Naquela época vivia Jesus, homem sábio, de excelente conduta e virtude reconhecida. Muitos judeus e homens de outras nações converteram-se em seus discípulos. Pilatos ordenou que fosse crucificado e morto.” Antiguidades 18:63, de sua obra *Antiguidades judaicas*.

Voltou à sua poltrona:

- Sei de memória a segunda citação. Em sua outra obra intitulada *História dos judeus*, Josefo diz “[...] fez comparecer Tiago, irmão de Jesus, e alguns outros; acusou-os de terem desobedecido às leis e os condenou ao apedrejamento.”
- Se não é uma religião, por que “Cristão”? perguntou Carlos.
- Porque seu corpo doutrinário é um código de conduta que reúne princípios espiritualistas e preceitos do cristianismo.
- Você disse que gostou do que leu quando examinou o conteúdo do livro antes de comprá-lo. Gostaria que comentasse algo sobre essa sua avaliação, disse Roberto.
- O que me chamou a atenção logo de início foi o fato de que essa doutrina afirma que não existem casos milagrosos. Os chamados milagres nada mais são do que resultados

de leis universais. Também fiquei entusiasmado com a simplicidade da base da doutrina. Tudo pode ser explicado em termos de força, matéria e leis universais.

– Estivemos falando sobre isso praticamente em todas as nossas reuniões, disse Carlos.

– Essa filosofia espiritualista também sugere utilizarmos sempre o raciocínio, a razão, quando estivermos estudando, observando e querendo realizar algo. Daí o termo “Racionalismo”.

– É uma boa sugestão. Se raciocinarmos com acerto, chegaremos a uma conclusão também acertada, o que é de se esperar e desejar, disse Roberto.

– Para que isso seja possível, a lógica é um dos atributos que o espírito deve aprimorar. Mencionamos alguns dos atributos do espírito quando estávamos falando sobre o reino hominal, lembrem-se?

– Sim, e me lembro, também, do livre-arbítrio, disse Carlos. Qual a posição do Racionalismo Cristão sobre este assunto?

– É bastante simples e clara: respeitar a liberdade que todo ser humano tem de pensar e agir. Oferece seus ensinamentos a quem por eles se interessar, sem imposição. Também não pratica o proselitismo, como faz a organização do Everaldo, e outras.

– Você disse que o Racionalismo Cristão não é uma religião. O que ele diz sobre elas?

– Nada. Ensina a respeitar todas as formas de pensamento, filosofias, crenças ou religiões. Mais ainda: recomenda o estudo de outras vertentes, tanto religiosas como filosóficas sem, contudo, deixar-se influenciar por nenhuma delas.

– Vejo esta postura como uma forma de conseguirmos conhecimento, com independência intelectual, disse Roberto com clara satisfação.

– Há outro ensinamento extremamente útil, pois nos faz refletir sobre nós mesmos e olhar os outros seres humanos com outros olhos, como o Carlos disse que passou a ver os animais. Vocês já sabem qual é esse ensinamento, pois aprenderam aqui mesmo. Quem quer se manifestar?

Um primo olhou para o outro, esperando que falasse alguma coisa.

– Sabe do que ele está falando, Roberto?

– Vou arriscar.

Voltando-se para o Velho:

– Somos constituídos de força e matéria, uma força em constante evolução. Alguns de nós mais e outros menos adiantados. Devemos compreender e respeitar as diferenças. É isso que esperava ouvir, Velho?

– Isso, isso, isso, mas não faltou acrescentar algo?

– Algo que também já sabemos?

– Sim.

Os dois primos permaneceram em silêncio, pensativos.

Depois de alguns minutos, Roberto disse:

– Desisto. E você Carlos?

– Também entrego os pontos. O que faltou, Velho?

– Vocês aprenderam de onde vieram, o que estão fazendo aqui na Terra e para onde vão depois da morte do corpo físico.

– Isso, isso, isso, disse Roberto com um sorriso remedando o Velho.

– O que mais a doutrina racionalista cristã tem para nos ensinar? perguntou Carlos.

– Eu poderia falar mais sobre o Racionalismo Cristão, mas, para que seja mais proveitoso para vocês, sugiro que procurem o livro para estudar, ou acesse o site na internet.

Os primos anotaram o endereço do site.

– Vamos ter de suspender nossas reuniões, disse o Velho. Há muito tempo não vejo minha irmã e pretendo visitá-la. É uma longa viagem.

– Não sabia que tinha uma irmã, disse Carlos.

– Agora sabe, disse o Velho rindo. Ela é um pouco mais velha do que eu, e é atea. Gosta de repetir uma frase que viu em algum lugar: “Sou atea, graças a Deus”.

O Velho ficou um momento calado, cofiando a barba, pensativo.

– Agora me lembro a quem emprestei o livro, minha irmã, e da reação dela quando viu o título. “Cristão, disse ela, vejam só em que se meteu meu irmãozinho!”. Tenho a impressão de que ela nem abriu o livro. Vocês agora veem que ser ateu também pode não ser bom.

– Quando você regressa? Tenho certeza de que ainda tem muito para nos ensinar.

– Dê-me um endereço de email, e me comunicarei.

Anotou o que Roberto lhe informou e levantou-se estendendo as mãos.